MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY

COTIDIANO E PANDEMIA NO BRASIL

EMOÇÕES, MEDOS E SOCIABILIDADES

Cotidiano e Pandemia no Brasil

Emoções e Sociabilidades

Mauro Guilherme Pinheiro Koury

Cotidiano e Pandemia no Brasil

Emoções e Sociabilidades

GREM-GREI EDIÇÕES
2021

Mauro Guilherme Pinheiro Koury

Cotidiano e Pandemia no Brasil

Emoções e Sociabilidades

2021

Edições Grem-Grei

Contato: secretaria@grem-grei.org

Revisão
Do Autor

Capa
Mauro Koury

Produção Eletrônica e Gráfica
Grem-Grei
https://grem-grei.org/

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Koury, Mauro Guilherme Pinheiro
Cotidiano e pandemia no Brasil [livro eletrônico]: emoções e sociabilidades / Mauro Guilherme Pinheiro Koury. -- 1. ed. -- Recife : Mauro Koury : Grem-Grei Edições, 2021, 220 pags.
(Emoções e sociabilidades urbanas; 1).
PDF.

ISBN 978-65-00-19143-1

1. Antropologia urbana - 2. Coronavírus (covid-19) - Epidemiologia - 3. Emoções - Aspectos psicológicos - 4. Isolamento social - 5. Pandemia - 6. Sociabilidades urbanas I. Título II. Série.

21-59532 CDD-301

Índices para catálogo sistemático:

Sociabilidades urbanas: Emoções: Antropologia 301

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Grem-Grei Editora
https://grem-grei.org/
Correspondência: secretaria@grem-grei.org

Sumário

He cerrado mi balcón
porque no quiero oír el llanto
pero por detrás de los grises muros
no se oye otra cosa que el llanto.
Federico García Lorca (2018) [1936]. ***Casida del llanto***.

A população precisa acordar para a dimensão da nossa tragédia.
Miguel Nicodelis (2021)

Introdução

A crise do covid-19 no mundo e no Brasil só pode ser compreendida ao ser analisada como uma crise do neoliberalismo. O cenário de crise atual vem tomando forma desde a expansão do capital financeiro nos anos de 1970. Crise que se traduziu na expulsão de um enorme contingente de mão de obra, provocando desemprego e insegurança na Europa e nos Estados Unidos, e aumentando, por lá, o sentimento discriminatório e de exclusão de migrantes vindos de países pobres, ao lado de políticas de controle mais rígidas sobre os *estrangeiros* (mesmo os até então considerados nacionais e provindos de antigas colônias[1]).

---

[1] O momento vivido na Europa e nos Estados Unidos, muito embora tenha sido esboçado nos dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso como presidente do país (de 1995 a 1998 e de 1999 a 2003), apenas se apresenta no Brasil como crise no episódio de movimentação da direita neoliberal

Este cenário dos anos setenta registrou-se, deste então, em vários novos ciclos de crises, atestando o caminho para a consolidação do capitalismo financeiro mundial e para a ascensão da direita e do neoliberalismo radical, até o momento atual. Momento este que revela a face neoliberal mais brutal, e que tem como contrapartida a falência sanitária globalizada, porém privatizada quanto aos riscos e escolhas de cura.

Este cenário desvenda assim também a política neoliberal de segregação e desigualdade (SANTOS, 2020; DAVIS et al., 2020). Lógica perversa sentida tanto nos países centrais, - na distinção entre pobres, migrantes e ricos; quanto e, sobretudo, nos países periféricos e nas periferias desses países, - como no caso brasileiro atual.

A antropologia, desde as últimas décadas do século XX, vem dando conta de que a violência é uma categoria cada vez mais significativa para a compreensão dos novos avanços do capital em um mundo globalizado. Assim como para a

---

que organizou o golpe que derrubou a Presidenta Dilma Rousseff do poder. Regime que se aprofunda nos anos subsequentes com a "eleição" de Bolsonaro e seu desastre político, até o advento da crise sanitária dos anos de 2020 em diante.

análise de suas consequências para os modos e estilos de vida localizados (APPADURAI, 1986; DE L'ESTOILE; NEIBURG; SIGAUD, 2002; DOMINGUEZ, 2012; DOUGLAS; WILDAVSKY, 2012; GEOFF; DIRKS; ORTNER, 1994; TAUSSIG, 1980; SAHLINS, 1997a, 1997b; GRAEBER, 2018; entre outros). A destruição dos costumes e formas de viver e produzir locais têm sido um padrão permanente da ação neoliberal, que se encontra à frente das modificações do capital financeiro.

A ilusão do capital de que pode prescindir da mão de obra humana, e de que dinheiro gera dinheiro, - e isso é o que importa, - vem sendo denunciada por antropólogos e por cientistas sociais, como DAS (2020), SANTOS (2020), entre outros; assim como a vaga de violência desmesurada que tal ilusão, quando posta em prática, provoca. As novas formas de investida dessa posição radical neoliberal, em prol da consolidação do capitalismo financeiro, fenderam de vez quaisquer dissimulações sobre o humano e o meio ambiente, expondo o desprezo pela vida humana e pelo ecossistema.

Tais investidas vêm impondo, assim, sem qualquer sentimento moral e ético, o aumento da

desigualdade, a expansão da fome pelo mundo, junto a uma política genocida, como forma de expandir o capital financeiro. Ações estas postas em prática tanto em formas de invasão a países, em busca do controle dos minérios locais, quanto em ações que visam à destruição de famílias e civilizações.

Este movimento neoliberal de consolidação do capital financeiro em um mundo globalizado, de um lado, conforma ações de segregação e de necropolítica. De outro lado, unida ao processo e a ele de braços dados, se encontra as novas formas de colonização, e a "guerra santa" das igrejas direitistas neopentecostais.

No Brasil e no mundo, o braço teológico do neoliberalismo radical se apresenta, por sua vez, como força expressiva no combate, de cunho moralista, de diferenças e a estilos de vida que não sejam os controláveis e desejados, e que não estejam dentro de padrões considerados "normais".

Em seu discurso agenciam o ódio à diferença. Advogam o retorno a uma hierarquização das relações de gênero, sob o domínio masculino, e o combate à autonomia das mulheres na luta

pela expansão de seus direitos e de autossuficiência como indivíduos e como pessoas.

Promovem, igualmente, a animosidade contra o direito e a luta pela autonomia de sexualidades diferentes das da heteronormatividade, causando cenas cotidianas de espancamento e mortes de homossexuais e transexuais. Ao mesmo tempo em que busca assegurar a pobreza como massa de manobra para a ação pastoral de combate à diferença e aos direitos cidadãos, fazendo-a agir contra ela própria, ampliando e reforçando desse modo a desigualdade social.

Em tempos sombrios, - como Hanna Arendt (1987) chamou outros tempos opressivos vividos por homens e mulheres, onde a dor, a angustia, o medo e o terror assumiram o nível de banalidade e torpor, - foram os esforços de repensar as bases da opressão para além delas próprias que tornou plausível a ação compreensiva para a sua superação. Concomitante à abertura de portas possíveis de entendimento do futuro e, - quando este já tinha se tornado passado, - outros tantos homens e mulheres os tomaram como legado reflexivo para viver os novos tempos e repensá-los

criticamente nos quadros dos seus anseios, produzindo outros formatos compreensivos a partir e sobre o legado.

Este livro vem se juntar aos esforços compreensivos da atual crise político-econômica e sanitária por que passa o Brasil no interior das novas modificações do capital no mundo globalizado, e sobre as forças que comandam a indiferença para com os vulneráveis globais[2]. As reflexões nele expostas fazem parte das discussões para a pesquisa intitulada: *Sofrimento social, sociabilidades e emoções em situações críticas*: *o caso da crise epidêmica do covid-19 no Brasil*, em desenvolvimento no Grem-Grei e no Ppga/Ufpb.

O objetivo deste livro é o de refletir sobre a relação entre vida urbana, formas de sociabilidade e as emoções no momento atual vivido no mundo, e, particularmente, no Brasil. Tem por fundo teórico-metodológico a proposta simmeliana de

---

[2] Ver, entre outros, as coletâneas organizadas por Grossi; Toniol (2020); Koury (2020a) e a série de artigos *Reflexões na Pandemia*, coordenada por Werneck; Araujo (2020); o número especial da *Rbse* "Pensando a Pandemia à luz da Antropologia e da Sociologia das Emoções", coordenado por Koury (2020e); o dossiê *"Vida Cotidiana, emoções e situações limites: viver em um contexto pandêmico"*, coordenados por Moguillansky; Koury (2021), entre outras iniciativas.

que o social e a cultura se formam a partir da vontade de ir ao outro e do resultado desse encontro. Momento singular que Simmel chama de *socialidade*, e da noção de *Cultura emotiva* (KOURY, 2017) aqui usada.

O livro está dividido em cinco capítulos, mais a *Introdução* e *Notas finais*. O primeiro capítulo, intitulado *Sobre a cultura emotiva,* discute a socialidade produzida nas interrelações entre subjetividades.

A noção de socialidade é então entendida como a aventura da descoberta na ida para e em relação ao outro. Ida esta que proporciona desde o encontro fugaz, passageiro, ocasionado por motivos vários. Desde uma casualidade qualquer, ou originado por alguma necessidade ou algum motivo banal e específico, e que termina assim que a resposta é dada; até o movimento para o outro movido pelo interesse em descobrir o desconhecido, que se revelou de alguma forma. Este último podendo prosseguir por algum tempo, ou ser fonte de projetos comuns de continuidade, e como tal gerando expectativas comuns que forma a

base afetiva e emocional da relação que se inicia, e que definem uma *cultura emotiva* específica.

O segundo capítulo, sob o título de *Cultura emotiva e controle moral* passa em revista as tensões e modificações e transformações que decorreram no ocidente, sobretudo a partir do final do século XIX, com a emergência do indivíduo individuado, e seu uso nas diversas mudanças e 'aprimoramentos' do capitalismo em seu viés liberal e neoliberal.

O terceiro capítulo se intitula *Cultura emotiva: fragmentação e tensão*. Nele se reflete sobre as consequências diretas na cultura emotiva no Brasil contemporâneo, sua fragmentação e tensão resultantes da emergência e busca de consolidação da extrema direita no país. Para configurar a discussão, em um primeiro momento o apresenta uma síntese sobre a noção de cidade como vivida no processo de emergência e consolidação do capitalismo, e a ideia de homem livre nela envolvida. Em seguida, faz uma análise sobre os tempos pandêmicos vivenciados historicamente no Brasil, procurando compreender o processo de modernização conservadora no país em situações de crises

sanitárias. Em um terceiro momento, o capítulo discute a expansão da cultura urbana e o processo que levou a emergência e busca de consolidação da extrema direita no país.

O quarto capítulo, *Cultura emotiva: quebra de negociação e insegurança* analisa a situação limite recente vivida no país, com a ascensão da extrema direita. Movimento que tem início com as mudanças sociais ocorridas a partir dos anos setenta, nos processos acelerados de urbanização e individualização brasileira. O capítulo reflete sobre o quadro de insegurança pessoal e familiar dos brasileiros comuns frente à insegurança e à quebra de negociação advindas das duas crises em processo, uma política e a outra sanitária, com a ascensão ao poder do bolsonarismo e à expansão da pandemia do coronavírus e o isolamento social subsequente.

O quinto e último capítulo, por sua vez, - intitulado *Pandemia: incertezas, medos, desamparo e desilusão,* - é realizado um retrato do brasileiro comum em suas experiências cotidianas durante o isolamento social e a expansão da pandemia em número de contaminados e mortes no país. Faz

uma análise do enfrentamento alarmado e de sua vivência pelo homem comum frente à situação limite da experiência pessoal e coletiva das graves crises política e sanitária no país.

Capítulo 1

Sobre cultura emotiva

O conceito de *socialidade* é aqui entendido como o resultado do encontro entre indivíduos. Encontro este que pode ser apenas momentâneo: uma pergunta, uma resposta e, com o encontro findado, os envolvidos seguem seus caminhos.

Na maior parte das vezes esse encontro momentâneo, fugaz, acaba bem e cordialmente, Por exemplo, alguém pergunta a outro alguém que horas são. O outro abordado responde. Quem perguntou agradece, e o outro replica com um simples sorriso, um balançar de cabeça, ou um ‘de nada’ e cada qual prossegue o seu caminhar.

Pode ser também que o perguntado não responda, ou dê uma resposta ofensiva. Réplica que provoque uma contrarresposta em quem per-

guntou. Destarte, pode haver explosões de ira e trocas de indelicadeza que acabe em conflito a-berto. Como também pode acontecer que quem perguntou ignore a má educação do interlocutor com um 'deixa prá lá', e o encontra chega ao seu final.

Entretanto, pode ser ainda que o resultado do encontro seja agradável, e que daí nasça uma ação de continuidade. Ação conjunta que se transforme em um *projeto comum*. É a essas singularidades do encontro entre indivíduos também singulares, que Simmel (1908a) chama de *socialidade*.

A socialidade, portanto, é um conceito que visa explorar a aventura humana para, no e durante o encontro social. Em Simmel, o encontro satisfaz o embate entre conteúdos, isto é, conjunto de experiências, reflexões e tomadas de posições individuais, em um tempo e lugar determinado.

O resultado dessa troca intersubjetiva, por sua vez, conforma *socialidades*, ou seja, emoções de descoberta, de encantamento e de compartilhamento de ideias e ideais que configuram o inicio de um projeto de continuidade e é o germe de um

social. O encontro em que emerge *socialidades* é definido, assim, através da noção de *cultura emotiva* (KOURY, 2017).

Bateson (2018) nomina esse encontro através do conceito de *ethos*. O define como o "tom emocional" (p. 70), ou as "ênfases emocionais" (p. 95) de uma cultura.

Geertz (1978), posteriormente, chama essa estruturação também de ethos. O define, por sua vez, enquanto lugar simbólico de identificação de um modo de agir comum de uma cultura, em uma sociedade, em uma comunidade, ou em um grupo qualquer.

O *ethos* enquanto conceito, para os dois autores, trás em si a ideia de um lugar comum cultural que faz alguém se sentir pertencendo e dá sentido ao seu ser individual. Nas minhas pesquisas em antropologia das emoções nomino esse processo de *cultura emotiva*. Processo este que causa socialidade e que leva a um ethos e a um modo de configuração de um projeto comum, produzindo nos indivíduos um sentimento de pertença que dá sentido às vidas individuais nele dispostas.

Por cultura emotiva, então, eu entendo[1] o processo comum capaz de ser sentido, traduzido e comunicado por cada indivíduo presente no jogo comunicacional que o originou. Procedimento que torna as experiências individuais vividas em uma situação de um encontro qualquer coletiva, e que os mantém assim no interior de uma atmosfera compartilhada.

A cultura emotiva de uma situação social qualquer, desse modo, é o produto comunicacional e emotivo dos indivíduos que dela fazem parte. Do mesmo modo que os indivíduos são por ela formados.

A cultura emotiva é, portanto, processual. Está, de um lado, sempre em movimento. Localiza-se sempre em analogia com os indivíduos que a geraram, montando um arcabouço comum à sociabilidade formada.

Porém, a cultura emotiva configura também um experimento humano sempre tenso. Encontra-se sempre sujeita as novas experiências dos

---

[1] Simmelianamente falando, mas com pitadas da fenomenologia de Schütz, de Peter Berger e Thomas Luckmann, e um pouco do interacionismo simbólico de Erving Goffman, e Joseph Gusfield.

indivíduos nela envolvidos que se debatem pela objetificação de sua configuração enquanto '*nós*'.

'Nós', aqui definido, enquanto lugar comum de todos, e das impossibilidades ocasionadas pelos impedimentos à livre expressão dos envolvidos na sua figuração. Semelhantemente, também, pelos sentimentos de apropriação e obrigações desse e a esse 'nós' comum pelos membros, que, da mesma maneira que adquirem um élan de pertencimento e de sentido de si, se sentem vez por outra, ou sempre, nele tolhidos e constrangidos.

A cultura emotiva assim é uma noção que trabalha as emoções envolvidas no jogo situacional de uma sociabilidade dada, em momentos específicos de configuração do 'nós' comum, como *pertença*[2]. É um conceito do mesmo modo que cogita a tensão que o pertencer enreda e provoca no cotidiano de convivência com os outros relacionais.

A cultura emotiva, enquanto lugar comum de montagem de uma rede de sociabilidade, destarte, está a todo tempo a realizar-se em pro-

[2] Sobre a questão do pertencimento, ver Koury (2001).

cessos de objetificação. O jogo aberto de afinidades geradas pela socialidade, no encontro, é processual. Para sua continuidade, ele se modifica constantemente e se realiza em formas de sociabilidade.

As formas de sociabilidades, portanto, são o espaço *sui generis* erigido de modo a proporcionar uma possibilidade de ação comum ao projeto social que, a partir do encontro, se elabora. A *socialidade*, ou *cultura emotiva* motivada no encontro, então, para se realizar enquanto processo, necessita ser objetificada.

Precisa destarte ser concretizada em ação projetiva e em normatização dessa ação agora comum. Processo que Simmel chama de formas. Conjunto de ações e práticas não mais individuais, mas coletiva que, - para se prolongar e prosseguir, - se transforma em *sociabilidade*.

A noção de *sociabilidade*, portanto, fala do resultado do encontro que se transformou em projeto comum. Projeto comum este que partiu do encantamento do desfecho do embate primevo, que permitiu a socialidade e a cultura emotiva, para a composição de um 'nós'.

A sociabilidade enquanto conceito remete assim para a união entre indivíduos. Refletir sobre sociabilidade destarte é buscar compreender uma ação projetiva comum em sua confecção e continuidade. É entender o processo situacional que permitiu o encontro no interior de configurações diversas e possíveis que produzem e se reproduzem a todo instante: desde o seu menor formato de díade (SIMMEL, 1970), - um par, -, até as suas complexificações como tríade (SIMMEL, 2013), - uma equipe, um grupo, uma associação, uma comunidade, uma sociedade.

A *sociabilidade emergente* dessa objetificação cria então o enquadramento (GOFFMAN, 2012) ou ainda, em termos simmelianos, a moldura (SIMMEL, 1998a) e a forma (SIMMEL, 2006). Configurações em que se montam e se coadunam a sociedade gerada e processada pelos indivíduos a partir do encontro. A sociabilidade enquanto objetificação social se realiza, assim, como moralidade. Isto é, como um campo ideológico (BOUDON, 1989) de manutenção de uma ordem normativa que sujeita os indivíduos e grupos a ela.

A sociabilidade se configura assim a partir da socialidade ou cultura emotiva[3]. É produto da objetificação do encontro em ações projetivas de continuidade.

Os indivíduos e grupos a partir de sua configuração como 'nós' tendem, desse modo, a se subsumir a esta ordem normativa. A ordem normativa, por conseguinte, no momento seguinte de sua conformação, passa a governar a ação e a querer impor autonomia a si mesma enquanto código moral.

Sociabilidade como competência moral

Durkheim (1967) assegura que o social é fundante dos indivíduos sociais. Para ele, os indivíduos são produzidos socialmente e se tornam humanos, - detentores de uma humanidade, - pela liberdade racional alcançada pela sociabilidade produzida e em que se encontram imersos (DURKHEIM, 2008).

---

[3] A partir de então usarei sempre cultura emotiva para falar de socialidade, a não ser quando, especificamente, esteja me referindo ao conceito simmeliano.

Simmel, ao contrário, diz que a sociabilidade gerada, - enquanto moralidade, - cristaliza um projeto e tenta impedir modificações a ele. Em Simmel, portanto, a cristalização do projeto instaura um jogo tenso entre os indivíduos (conteúdos) e as formas (objetificação). O que acarreta a reificação da troca intersubjetiva entre os indivíduos em um sistema moral, cristalizando e naturalizando os modos de ação.

Para Simmel, por conseguinte, a sociedade é resultado do encontro entre subjetividades específicas, - por ele nominado *conteúdos*, - que se transformou em um projeto comum, ou *socialidade* entre as *subjetividades* ou *conteúdos* envolvidos, formando o que chamo de cultura emotiva. Este resultado para se desenvolver e prosseguir se organiza então em uma rede de sociabilidade, originando *formas* peculiares, que servem como moldura ao social originado.

O social gerado pela sociação e configurado em uma sociabilidade inaugura modos de ser compartilhados. A sociedade, então, é o produto objetivado do encontro entre subjetividades (ou

conteúdos) que se transformou em projeto comum e visa continuidade.

Envolve, portanto, não apenas a singularidade dos indivíduos que a montaram, mas também e, sobretudo, uma armação e enquadramento comuns oferecidos aos indivíduos envolvidos no mesmo projeto. Armação ou enquadramento estes que fundamentam regras gerais de como comportar-se, de como prosseguir, do que é certo ou errado, sobre o 'bem comum' e seu legado.

A sociedade ou forma social que dão seguimento a uma sociabilidade é, portanto, o produto objetificado da formação da ideia comum em construção. Do projeto comum que abarca o resultado das discussões e os modos de prosseguir comum.

A sociedade como um '*nós*', assim, passa a querer dominar os conteúdos individuais, ou as subjetividades dos indivíduos envolvidos. Já não são '*eus*' apenas, mas um '*nós*' que os '*eus*' envolvidos se reestruturaram para continuarem juntos e que dão sentido, sempre renovado, à continuidade do encontro.

Esse processo de objetificação, destarte, avoca forma como *moralidade*. Avocação esta que se aloca como um modo possível de manter o jogo comunicativo predisposto na socialidade, através da cultura emotiva que orienta o caminhar de indivíduos em um lugar comum de pertença.

A moralidade como conceito, então, pode ser entendida como a cristalização de princípios norteadores para uma prática em comum. Age como um trançado de uma rede de significados que norteiam a ação dos indivíduos e que permitem o funcionamento do jogo social erigido no encontro, e que tomou forma de projeto comum em um momento dado.

Consequentemente, a cultura emotiva está sempre em movimento. É resultante das experiências novas que os indivíduos a ela relacionados se envolvem.

A moralidade, ao contrário, está sempre a serviço de um 'bem comum'. A moralidade, portanto, solidifica as formas de ação e orienta os caminhos 'adequados' para a normalização do cotidiano de um 'nós' processual.

A socialidade, voltando a Simmel, e a cultura emotiva, como conceito aqui empregado a partir de uma análise de base simmeliana, são noções que geram e evocam emoções de compartilhamento entre indivíduos. Indivíduos que, ao se proporem caminhar juntos em um projeto por eles montados, se deixam seduzir pelo 'nós' criado e que os permite o andar juntos na realização do projeto, e na ação projetiva de um presente e de um futuro. Entretanto, sempre a partir de um passado erigido em comum no momento do encontro.

Os indivíduos, ao serem seduzidos pelos projetos que eles próprios criaram, de um caminhar juntos, tornam-se assim subsumidos à lógica do projeto criado, Integram-se, assim, à lógica do 'nós' construído na e para a sua realização. Fato este que sugere um campo de tensão permanente entre os participantes do projeto, enquanto individualidades, e o próprio projeto, enquanto bem comum social.

A cultura emotiva, gerada no lugar, no momento e nas tentativas de dar seguimento ao encontro, para ter continuidade, por conseguinte, se transforma continuadamente em moralidade.

Enquadramento moral que subsume os indivíduos à lógica do projeto, como normatização que permita a sua realização e continuidade enquanto sociabilidade.

Neste livro a cultura emotiva é pensada como processual e tensiva. É compreendida como lugar permanente de encontro, e de desencontro. É sentida assim como sempre intersubjetiva em sua forma de caracterização do jogo social entre indivíduos contextualmente localizados em situações sociais específicas.

Como em Simmel, próximo a Durkheim, porém, a intersubjetividade para realizar-se como encontro continuado precisa se transformar em 'nós'. Necessita compor-se em um modo de objetificação dado, ou seja, em um arcabouço moral.

Lineamento moral este que assume forma em um conjunto de normas, valores, mores, costumes que regram a experiência como estrutura de conhecimento comum. Desse modo medra as ações sociais e orienta as práticas individuais em seu interior.

A intersubjetividade que deu origem a cultura emotiva, contudo, para persistir, precisa se

objetificar. Para tal, se produz enquanto moralidade/s. Conforma-se em um sistema de redes que proporciona um modo de agir comum e garante a continuidade do encontro e do projeto social perseguido.

O 'nós' produzido passa desde então a comandar os 'eus' em troca. O que suscita, em Durkheim, a sociedade como realidade *sui generis*, na qual os indivíduos são formados e moldados.

A normalização do projeto se perpetra, portanto, pela realidade independente que o social se revela, e traduz para os indivíduos sociais as intenções de sua ação. Processo que comporta a transformação dos indivíduos em pessoas. Os configura em *pessoas morais* dentro de um tempo e de um espaço delimitado e histórico específico.

Em Simmel, contudo, apesar de reconhecer que a sociabilidade produzida na troca tenda a se apropriar dos indivíduos que a geraram, diferentemente de Durkheim, vê a objetificação produzida no prosseguir do encontro, como um arcabouço moral/ideológico. Como disputa.

Não a vê como a normalização de um social. Antes, compreende o processo de objetifi-

cação como um jogo tensivo no processo de cristalização da cultura emotiva em moralidade/s.

A sua análise, então, se foca na tensão entre a dinâmica criadora dos indivíduos e as formas disciplinadoras da objetificação do encontro em sociabilidade/s. Tensão esta motivada tanto por engolfamentos e impedimentos, quanto por diferenciações internas no modo de ver o 'bem comum' da sociabilidade vivida e no sentimento de pertencimento a ela.

Este livro, de tal modo, trabalha o conceito de cultura emotiva como jogo tensivo entre indivíduos e as formas de sociabilidade a que estão envolvidos. Jogo situado que molda o social como uma realidade conflitiva.

No seu objetivo principal, o livro entende o momento da pandemia no país e a crise política brasileira como um conflito entre a cultura emotiva (sentimento de pertença) dos brasileiros comuns e a moralidade emergida processualmente, desde os anos setenta. Nova conformação moral que tenta se impor e se estabelecer, de forma nefanda, no país, a partir do governo bolsonarista.

As reflexões presentes neste livro, busca compreender, portanto, as vicissitudes tensionais que, de forma intensiva, se abate no país. Busca entender as atribulações e tropeços que aprofundam a crise institucional jurídico-política e econômica sem precedentes, ao lado de uma crise sanitária, social e psíquica de desconforto e falência moral nas interações cotidianas e nas expectativas projetivas e projetadas sobre o bem comum e o bem viver comunitário no/do país.

No próximo capítulo a análise se situará na relação entre cultura emotiva e controle social e moral. Nele se busca compreender a emergência do indivíduo individuado na sociedade capitalista, bem como a tensa e, às vezes, angustiante interrelação entre a cultura emotiva, (remetida a um plano associal e psicologizante), e a sociabilidade, (enquanto objetivação de um controle social cujo ideário abstrai os indivíduos para a sua realização e fins).

Capítulo 2

Cultura emotiva e controle moral

Desde os finais do século dezenove autores clássicos no âmbito da antropologia e da sociologia meditam em seus estudos, a partir de uma reflexão sobre a realidade européia, sobre a emergência de uma nova cultura emotiva que insurgiu no que chamaram de sociedades complexas. Estas reflexões buscaram apreender a novidade européia e, na sua extensão, ampliar a visão sobre a composição do ambiente colonial que alargou o pensar a Europa em sua esfera restrita.

A busca de compreender as grandes transformações vividas no solo e pensamento europeu de então suas análises abrangeu o fato colonial. Esse abarcamento como modo de entendimento seguiu os tentáculos

aventureiros europeu pelo mundo afora, e tentou compreender seu espaçamento como um processo de dominação.

Dominação esta vista através da incorporação das de terras conquistadas na expansão das rotas marítimas de navegação e na composição de um movo mapa mundial. Processo que já vinha se realizando desde o século dezesseis.

As reflexões, realizadas no interior de vários aportes teórico-metodológicos, procuravam também dar conta da novidade da emergência do indivíduo individuado, como uma nova categoria social. Individuação esta que brotava no interior de uma nova ideia de homem, sentido como livre das amarras do coletivo e que ganhava uma autonomia maior frente às reduções a que se encontrava sujeito nos modelos sociais anteriores.

Todas as análises, porém, - mesmo as que saudavam a individualidade como possibilidades de expansão da criação social e cultural a partir dos indivíduos, - davam conta dos ardis que esta nova categorização de indiví-

duos livres enfrentava no desenho social que vinha se traçando na configuração das sociedades modernas da Europa ocidental, e por expansão do mundo colonial que a complementava. Durkheim (1967), por exemplo, tentava entender a dinâmica das sociedades complexas e o perigo nelas de uma falência social, a partir do seu modelo analítico de sociedades de solidariedades mecânicas e orgânicas.

Estas últimas, ao deixar de lado o social como uma organização em que a sociedade submetia os homens às suas regras, e com isso os criava como seres sociais, - o indivíduo como produto do social, - dariam margem à emergência do indivíduo como que contraposto ao social, e corriam o sério risco do que denominou de *anomia*. Anomia, em Durkheim é uma categoria que atenta para os graves prejuízos para a continuidade da sociabilidade moderna. Alertava ele alertava para um novo modo de organização social em que a sociedade permitisse um modo diferente de contrato e controle social entre e sobre os seus membros.

Marx (1959), por seu turno, advertia para a emergência do homem livre, enfatizando a falácia por trás da noção. Trazia à tona a reflexão de que a liberdade advinda da noção de *homem livre* submetia ainda mais os indivíduos ao jogo econômico que se edificava na sociedade européia (e, por extensão, do regime colonial) de então. Apontava assim para a quebra de autonomia dos indivíduos possuidores de um fazer/saber, e para a produção continuada de um tipo de indivíduo possuidor apenas de sua força de trabalho para venda ou compra no mercado.

Marx analisava, destarte, o processo de expropriação da capacidade criadora dos indivíduos e sua submissão às novas regras do jogo econômico que movia então as sociedades ocidentais, que transformava os indivíduos em mercadorias, em coisas possíveis de se comprar e vender. Processo este que, para ele, traria um aumento da miséria, do sofrimento, e da dor psíquica e social.

Simmel (1908a) e Weber (1944), de certo modo, apontavam a emergência da

individualidade como um aumento da liberdade individual. Viam o surgimento do indivíduo individuado como uma possibilidade do aumento da criatividade humana.

Pensavam desse modo o societário como formado pela ação dos indivíduos em relação a outros indivíduos, e que esta relação continha em si o germe da criação social. Para eles, a ação social é uma ação portadora de sentidos, e só através dela emergiriam caminhos para conformações sociais.

Refletiam os indivíduos como possuidores de subjetividades em troca. E chamavam essa troca de relação intersubjetiva. O social assim seria o produto das trocas intersubjetivas, ou entre subjetividades individuais.

Weber (1968) espertava, porém, para os rumos e os riscos da emergência dos indivíduos na cultura e sociedades ocidentais. Considerava que na cultura e nas sociedades ocidentais se estava fortalecendo a tendência a considerar os indivíduos como associais. A sociabilidade assumindo dessa forma uni-

camente a modo mercantil de trocas no mercado, como produtor e como consumidor.

Acusava destarte a extrema separação entre o público e o privado. O privado, segundo sua análise, se tornando apenas o interesse particular de quem o possui. A subjetividade e o subjetivo tendiam a serem sentidos como de propriedade de quem os possui, e assim, passava a ser vista e entendida como não-social.

O social seria e estaria assim localizado apenas nas relações objetivas dos indivíduos no mercado. As elaborações subjetivas, as dores, e os anseios, por sua vez, passavam a não ter interesse social, a não ser como desaponto, ou como desculpas para faltas nas interrelações e compromissos junto ao social.

Simmel vai mais longe que Weber ao refletir sobre a *tragédia da cultura* (SIMMEL, 1998b) e sobre a emergência do dinheiro (SIMMEL, 1900) como um *deus ex-machina* na sociabilidade moderna. Em seu artigo de 1903, *As grandes cidades e a vida do espírito*, Simmel (2005) analisa o torpor do indivíduo mora-

dor das grandes cidades modernas[1] frente à grande demanda de informações a que se vê sujeito. Atitude apática por ele denominada de *indivíduo blasé*.

Por indivíduo blasé Simmel buscou caracterizar o indivíduo indiferente, em suas experiências cotidianas, aos estímulos afetivos, sensíveis, sensoriais, intelectivos entre outros, pelos excessos a que se vê exposto. Exposição demasiada que o torna impassível e passivo em relação ao que se passa ao redor, como uma forma de autoproteção.

Simmel assim informa a insensibilidade do indivíduo na sociedade moderna como uma forma de proteção que os leva a uma solidão pessoal, subsumida em uma carapaça de enfastiamento e de afastamento presunçoso. Além de uma constante e persistente sensação de desconforto e não ajustamento social.

[1] No caso, a cidade de Berlim, por ele considerada uma das grandes metrópoles européias do início do século vinte.

Na maior parte das vezes, este quadro aparece associado a uma necessidade de ser descoberto, de ser compreendido e amparado por um outro qualquer. Ao mesmo tempo, contudo, que recusa ou dificulta as aproximações desse outro com receio de ser usado, traído, ou passado para trás (KOURY, 2003; 2020c; 2020d).

No cenário simmeliano, o indivíduo na modernidade aparece e se conforma como um ser de atitudes ambivalentes perante a si mesmo e ao outro possível. Contextualizando-o como em estado permanente de tensão e desconforto social.

Fator que constitui o indivíduo individuado como em permanente sofrimento psíquico, mesmo que camuflado. O que aumenta o seu constrangimento pessoal, associado à sensação de estar só. Este processo sujeita o indivíduo a uma permanente tensão desconfortante seja para consigo próprio, ou com relação aos outros, próximos ou abstratos, vistos como danosos e perigosos.

Hanna Arendt (1993, 1972) assevera a passagem das sociedades ocidentais para o mundo moderno como o *fim do mundo comum*. Entende por mundo comum a forma de sociabilidade mais pessoalizada onde os vínculos sociais são mais intensos, a cultura emotiva como vivida com mais intensidade pelos seus membros, e os códigos e etiquetas sociais e morais mais integrativos e em um processo de configuração sempre em movimento da tradição.

Advoga destarte o fim do mundo comum como um momento de passagem para outra configuração social e cultural diferente da até então experienciada. Nova configuração na qual a impessoalidade e a fragmentação dos vínculos entre os indivíduos e grupos se tornam os termos chave para a sua compreensão.

Walter Benjamim (2018), por sua vez, enfatiza também a perda do mundo comum, e o fim da tradição. Diagnostica desse modo a modernidade como melancólica, composta por indivíduos desvinculados entre si que, ao

abandonarem a tradição e o conforto da pessoalidade, entraram em um ritmo alucinado de *conquista de um futuro* que nunca chegará.

Processo a seu ver que, em sua corrida para um futuro sempre indeterminado e infindo, os deixa como prisioneiros em e de uma triste presentificação. Escravizados pela busca de captura de um futuro que nunca conseguem alcançar.

Assim, cada ação conquistada se esgota a seguir, e nova angústia se inicia em busca de nova conquista, de um futuro. Processo continuado onde cada conseguimento será sempre seguido da necessidade de outro e mais outro.

Para Benjamin, desse modo, a melancolia se transforma no *modus vivendi* do indivíduo na modernidade. E a nostalgia e a depressão como seu estado permanente de humor. Rompido dos vínculos com o passado, e vivendo em busca de um futuro que nunca chega, só resta a ele correr e correr atrás de

algo que nunca é conseguido ou plenamente satisfatório.

Esse correr obstinado e obsessivo o torna assim vítima de si mesmo: se ele para, só resta a ele (em sua individuação) a morte, ou o desconforto de ter sempre que prosseguir[2]. Ao mesmo tempo, sente falta de algo perdido e por vezes ansiado, sem saber bem o que é, e de onde ou porque perdeu. No ritmo acirrado a que se submete, em busca de um futuro que nunca chega, sobra unicamente a sua falta, o que aumenta a solidão pessoal e a ansiedade melancólica.

Refletir, portanto, sobre a sociedade contemporânea é conjeturar sobre a fragilidade da relação entre indivíduo e sociedade. Nesse contexto, para Erich Fromm (1944, p. 383), as sociedades ocidentais deram origem a um "defeito culturalmente configurado" em sua transformação dos indivíduos a uma individualidade mesquinha. Individualidade mes-

[2] Ver a instigante apreciação do psicanalista Carlos Moguillansky (2010, pp. 26-28) sobre o *Angelus Novus* de Walter Benjamin.

quinha que Simmel chama de quantitativa, impulsionando o individualismo e as regras mercantis como socialmente úteis.

Na configuração de Fromm, como também apontou Weber, a sociedade moderna ocidental transformou as subjetividades em privadas e associais. Processo que dificultou a demonstração individual de “dor[es] legítima[s]” (p. 384), as transformando em um tipo de “desespero obscuro” (p. 384) e invisível socialmente, que tomou o seu lugar.

Caminho que arrastou os indivíduos e os condenou a viverem cotidianamente em crises pessoais e relacionais. O que os forçou a viver em processos contínuos de transformação de crises pessoais, sentidas como falências morais, em culpa e em ressentimento. Processos estes penosos e ambivalentes, nos quais fantasias de suicídio são constantes e o sentimento de inadaptação permanente.

Dois antropólogos americanos, Henry A. Murray e Clyde Kluckhohn (1965), vinculados à escola estrutural-funcionalista, ao discutir a concepção de personalidade na sociabili-

dade ocidental, se depararam com situações que levavam um ou mais indivíduos a cometerem o ato suicida, dentro de um contexto que eles chamaram de *tensão desconfortante*. A tensão desconfortante, portanto, é uma noção que busca compreender o processo de inadaptação continuada dos indivíduos na sociabilidade moderna, com fortes implicações nos seus sistemas de personalidade[3].

Segundo Murray e Kluckhohn, esta tensão opera no interior do/s indivíduo/s quando a realidade vivida é vista sob um olhar pessoal de desespero e que é pensada, segundo os autores, como sem saída. Ao analisarem essas situações limite de sofrimento social e psíquico concluem que "muitos dos processos dominantes atuais conduzem à dor e à miséria e, em algumas pessoas desespera-

[3] É conveniente lembrar aqui, que os sistemas de personalidade, no sentido empregado pelos estrutural-funcionalistas Kluckhohn e Murray, não se referem ao indivíduo isolado, mas a noção parsoniana de indivíduos na sociedade. Para Parsons (1954), o termo 'personalidade' corresponde à 'sociedade', configurando-se como teoria social e ligada à lógica dos sistemas de papéis e status sociais que dão sentido ao indivíduo social e sua estrutura de ação. Ver também, Koury (2014b).

das, ao suicídio" (p. 66). Para eles, o suicídio deste modo seria uma das formas possíveis "de se livrar de um sofrimento insuportável" (pp. 69-70).

O desconforto tensivo e a vulnerabilidade dele resultante, então, mais do que o estado final de um drama pessoal, funcionariam como uma espécie de "redução satisfatória" (p. 69) para dar fim à dor individual. Dor individual esta motivada por um processo doloroso experimentado subjetivamente de um sentimento de fracasso pessoal, de exclusão e de não ter (ou achar) um lugar no social para si no contexto de uma determinada situação vivida.

Concluem os autores, assim, que nesses casos, o sofrimento psíquico e social leva os indivíduos inadaptados socialmente não apenas para a ideia de suicídio, mas, inclusive, a tentá-lo, como modo de dar um fim ao desespero e 'despreparo' para a vida social e cultural experimentada em situações determinadas. Para os autores, assim, "o suicídio não teria um valor *adaptativo* (de sobrevi-

vência), mas sim um valor *ajustativo* para o organismo" (p. 70) social.

O suicídio, então, para Murray e Kluckhohn, por um lado, pode ser considerado como uma ação social e organicamente "funcional porque elimina a tensão penosa" (p. 70) vivida pelos indivíduos vulneráveis. Por outro lado, o suicídio como *via de controle social*, permite que a sociedade caminhe de uma forma um pouco mais ajustada a seus fins.

Qualquer semelhança com a noção de necropolítica (MBEMBE, 2018) sobre as condições dos países periféricos não é mera coincidência. O ideário neoliberal se monta na perspectiva de que se pode prescindir dos indivíduos, homens e mulheres, para consecução dos seus fins. Nesse ideário lúgubre, cabe aos 'desajustados' e os 'excluídos' por um fim a sua própria dor. Dor sentida como fracasso, e apontada como de fracassados, permitindo assim ao social neoliberal caminhar mais ajustado aos seus fins.

As duas abordagens acima, - a de Eric Fromm e a de Murray e Kluckhohn, - apesar de perspectivas teóricas diferentes, de certa maneira centram a sociabilidade contemporânea como processos dominantes que submetem os indivíduos a uma permanente situação de ansiedade e desconforto psíquico e social. Seja transformando as dores da inadequação pessoal em *desespero obscuro*, como indica Fromm, levando os indivíduos a crises permanentes e a sentimentos de culpa, como se fossem culpados pela inadequação, e em que a fantasia de suicídio se torna corriqueira. Ou, convertendo o sofrimento social e psíquico em um drama pessoal que em última instância encaminha o indivíduo ao suicídio. Entendido por Murray e Kluckhohn, como uma ação funcional que elimina a tensão penosa individual, e consente um ajuste da sociedade aos seus fins.

O desajustamento e o receio do não se encaixar aos interesses e fins da sociedade, desse modo, produz uma sensação de desconforto que fragiliza os indivíduos. Uma sociedade voltada para o futuro e para o sucesso

como metas, como a sociabilidade ocidental, provoca assim uma onda de insegurança psíquica e social nos seus membros por não acharem que podem competir, ou por não conseguir atingir as metas e os levar para a temida e tensa ideia de fracasso.

Erving Goffman em toda a sua obra enfatiza esse medo do fracasso em uma sociabilidade voltada para o sucesso enquanto fins. Sua análise incide em um enfoque microssociológico das relações face a face entre indivíduos, buscando detectar as nuances sutis das interações sociais na vida cotidiana, em que o receio de errar, o medo do fracasso, o temor de não ser aceito no ambiente social que almeja, de ser usado, ridicularizado, de ser exposto ao olhar condenatório ou zombeteiro do outro e o constrangimento que daí advém, mesclam todo o jogo social (ver KOURY, 2019).

O seu livro *Estigma* (GOFFMAN, 1963[4]), - que trás o sugestivo subtítulo: *notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* – inicia com uma carta desesperada de

---

[4] Existe tradução para o português, ver Goffman (1988).

uma adolescente. Na missiva a jovem relata a um programa de rádio "*corações solitários*" sobre a sua dor pessoal, sobre o constrangimento público por que passa, - pelo escárnio público das crianças da vizinhança, do colégio, ou de ser objeto de olhar dos passantes, - e termina sua carta-consulta, com a pergunta: *devo me suicidar?*

A carta, extraída de um romance de Nathanael West, *Miss lonelyness*, publicado em 1933 durante a grande depressão por qual passava os Estados Unidos, dá início para uma análise profunda sobre as origens e desenvolvimento do processo de estigmatização em uma sociabilidade com padrões estéticos, étnicos, morais, econômicos, educacionais, entre outros, que servem de parâmetros culturais e expectativas normativas para um julgamento de valor e aceitabilidade entre os seus membros.

O livro discute e foca a sua análise nos indivíduos que possuem uma *marca física* ou *simbólica* encaradas pelos demais membros da sociedade como agentes poluidores

que devem ser desprezados ou enxotados do convívio social. Ao mesmo tempo apresenta modos de manipulação para se ser aceito socialmente pelos que se sentem ameaçados de exclusão, e das formas de evitação social ou de uma acolhida distanciada, nos casos de um convívio misto, entre os "normais" e os "com defeitos". Discute assim a ideia de fracasso e as formas de conviver com ele em uma sociedade que não tem espaço para as *identidades consideradas deterioradas*.

Em um artigo anterior, de 1952, *sobre os aspectos de adaptação ao fracasso* (GOFFMAN, 1952[5]) e no livro *Estigma*, de 1963, a fragilidade do indivíduo comum é exposta. Neles o receio de ser enquadrado em uma situação constrangedora é analisado como um procedimento sempre desigual e sempre em uma balança de equilíbrio frágil[6] de sobrevivência.

---

[5] Existe tradução para o português, ver Goffman (2014).

[6] O conceito de *balança de equilíbrio frágil* é de Norbert Elias, (1994).

No livro *estigma*, as marcas físicas e simbólicas são analisadas como poluição ou como processos contaminadores, e se perscruta as maneiras de evitá-las, ou ao contrário, de sobreviver a elas, e através delas. No artigo sobre a *adaptação ao fracasso* a análise é estendida a toda a sociedade americana, - e podemos alargar, para todas as sociedades ocidentais, com nuances e cores locais de cada sociabilidade.

No artigo sobre a adaptação ao fracasso Goffman enfatiza a fragilidade do jogo social. Situação na qual os indivíduos nela imersos estão sempre em busca de uma integração e segurança, ao passo que o fantasma da inadequação, de serem alvos de malícia e chacota alheia, do medo de não serem considerados pelos demais membros, e de não serem capazes de prosseguir no interior da tensão a que estão sujeitos e são vítimas, assombra o cotidiano de cada um.

Richard Sennett (1998), em um livro publicado originalmente em 1974, por sua vez, faz um estudo profundo sobre *O Declínio do*

Homem Público nas sociedades ocidentais. Neste livro descreve a emergência da individualidade e do individualismo nas sociedades ocidentais contemporâneas.

Analisa a açambarcamento do mundo público pelo mundo privado e psíquico, e suas consequências desastrosas para o indivíduo e para a sociedade. A emergência da individualidade na contemporaneidade se, de um lado, individua o indivíduo, dando-lhe força e presença no social, de outro lado, contudo, transforma a experiência pessoal, psíquica, em um experimento privado e associal. O que amplia a tensão e o conflito entre o indivíduo e a sociedade.

Em toda a sua obra posterior Sennett (1999, 2001, 2004) reflete sobre o desenvolvimento do neoliberalismo (o novo capitalismo, segundo o autor) e as consequências pessoais do homem comum em um mundo cada vez mais desigual. Analisa, de um lado, o desrespeito na sociedade contemporânea, a insensibilidade ao humano, a fragmentação do sistema de emprego, e o desemprego e o

subemprego galopante. E, de outro lado, busca compreender, no processo de sedimentação do neoliberalismo nas sociedades ocidentais[7], a aflição moral dos indivíduos comuns, na expansão do desespero, da frustração, do medo da derrota, da desonra e do fracasso.

O antropólogo David Graeber (2018), fez uma análise importante sobre o que ele denominou de "empregos de merda" (*bullshit Jobs*) na sociedade neoliberal contemporânea. Graeber analisa o como e o porquê as mesmas políticas de mercado que, desde os anos setenta fragmentaram a estrutura de emprego e trabalho para os indivíduos pobres, tornando a vida da pobreza mais difícil, produziram, concomitantemente, uma série de serviços inúteis e efêmeros, os *bullshit Jobs*.

Os trabalhos de merda são, - de acordo com a sua definição, - trabalhos no setor de serviços, de alta rotatividade e que, se

---

[7] Especificamente, na Inglaterra e nos Estados Unidos, a partir dos anos setenta, e sua verticalização e aprofundamento no final dos anos de noventa.

desaparecessem, não fariam falta[8]. A própria rotatividade do emprego, distorce o sentido dos mesmos e conduz a uma desvalorização crescente do próprio empregado.

O que força os empregados a se sujeitarem a empregos temporários, e a um rodízio constante de empregos que prescindem de qualquer especialização. Os tornando em

---

[8] Lembrar aqui do conceito de *global city* que nos anos noventa 'encantou' gestores de cidades brasileiras, como a de Fortaleza, Ceará, por exemplo. Noção aplicada no embelezamento da cidade e na sua transformação em cidades de serviços, prontas e adequadas para o turismo internacional. Esse período também corresponde aos anos de Fernando Henrique Cardoso na presidência do país o qual, de um lado, aplicando a 'lei' do estado mínimo, e o 'canto de sereia' da privatização, e, do outro lado, investindo na reconfiguração dos campos de emprego 'de futuro' nas áreas de serviço, estimula carreiras profissionais como as áreas de turismo e dos setores de informática. Entre 1998 a 2000, em termos quase de anedota, as áreas de turismo e de ciências da computação dispararam no número de candidatos inscritos nos exames admissionais das universidades no país, chegando mesmo a superar as áreas tradicionais de medicina e direito. Enquanto, por exemplo, a procura para as áreas de engenharia e da ciência básica decaíram quase a zero. Em pouco tempo, o número de formados nestas áreas sentavam, por assim dizer, em um banco de reserva à espera da tão falada abertura do mercado para incluí-los, conforme o modelo de eficácia estimulado pelo governo federal e a ser seguido pelos gestores municipais e estaduais que conduziria à ampliação de pessoal capacitado para servir no modelo de *global city* que levaria o país ao sonho de ser/ter um lugar adequado para o novo e exigente 'turista mundial contemporâneo'.

eternos temporários, pulando de emprego a emprego, sem sentido, e sempre (apesar de alguns deles serem até bem remunerados) vazios.

Este capítulo objetivou refletir sobre a relação entre a cultura emotiva e controle moral nas sociedades ocidentais do mundo contemporâneo. A análise passou em revista as tensões e modificações e transformações que decorreram no ocidente a partir, sobretudo, do final do século XIX, com a emergência do indivíduo individuado, e seu uso nas diversas mudanças e 'aprimoramentos' do capitalismo em seu viés liberal e neoliberal.

O rápido balanço executado, a partir de autores clássicos e contemporâneos, teve a finalidade de compreender o ideário neoliberal na contemporaneidade. Ideário este que, de um lado, acha que pode prescindir dos indivíduos, homens e mulheres, para consecução dos seus fins. E, quando transposto para uma ação política de desprezo calculado e indiferença extremada, põe em cena uma estratégia clara de violência emotiva

que busca denegrir o outro, objetivando desclassificá-lo e acusá-lo de ser a causa de seu próprio fracasso.

Estratégia que se fundamenta em uma agenda política de ampliação da dor social e psíquica como consequência do fracasso pessoal dos indivíduos 'sem capacidade' de agência própria. Acusa-os, portanto, de sua própria situação, e os aponta como seres sem valor; e de desajustados e incapacitados para gerir a si próprio, enquanto empreendedores de si mesmos.

Nesse enquadramento tenta distinguir entre empreendedores e fracassados, cabendo aos últimos, 'desajustados', que se colocam como 'excluídos', por um fim a sua própria dor. Dor igualada a fracasso pessoal, e apontada como de fracassados, e que atrapalham o bem estar social do ideário neoliberal de um caminhar mais ajustado aos seus fins.

O caso do bolsonarismo é um exemplo perfeito dessa estratégia, pela sua tentativa de minimização da tragédia que tomou

forma na pandemia do coronavírus no solo brasileiro. As autoridades governamentais assentadas em Brasília, destarte, (como suporte a este exemplo aqui tomado), têm tido sempre a intenção de banalizar o isolamento social e acusar as vítimas de serem responsáveis por sua própria morte.

Igualmente intenta isentar o governo da responsabilidade pela crise sanitária (SILVA; PASTI, 2020). Frases e ditos do Presidente Bolsonaro no decorrer do processo pandêmico, são caricaturais da tendência da extrema direita neoliberal no país e no mundo, e seu ideário ensandecido. Formam um conjunto de ditos e frases que se configuram como táticas de poder ostensivo para fragilizar e enfraquecer a vontade do outro e demonstrar a sua insignificância (KEMPER, 1978).

Esse conjunto de ditos e frases percorre uma ampla gama de acusações que se elencam desde a atitude de menosprezo até a inculpação de "frouxos" para os que buscam se proteger da pandemia do coronavírus. Prossegue com a defesa armamentista

para uso privado, as demonstrações de indiferença e os espasmos irônicos em relação aos mortos e contaminados pelo coronavírus, assim como a defesa do dito 'bandido bom é bandido morto', estendido à pobreza e as comunidades étnicas apontadas por ele e sua equipe como indesejáveis. Este conjunto torna o governo Bolsonaro e o bolsonarismo que o representa expoentes de uma necropolítica cuja "demonstração exagerada", conforme expressão de Bateson, usada para outra circunstância analítica (2018, p. 204), aponta para a morte como controle e ajustamento social.

No próximo capítulo se discutirá a emergência da extrema direita no Brasil contemporâneo e suas consequências na fragmentação da cultura emotiva no país.

Capitulo 3

Cultura emotiva: fragmentação e tensão

A análise desenvolvida até agora procurou estabelecer o propósito do livro, em situar o processo brasileiro no interior do movimento de expansão capitalista e neoliberal como um todo, como uma cultura emotiva experienciada, compartilhada, disputada, ambivalente e em constante negociação e conflito. Este capítulo discute a emergência e busca de consolidação da extrema direita no país e as consequências diretas na cultura emotiva no Brasil contemporâneo, sua fragmentação e tensão resultantes.

Para poder configurar a discussão, em um primeiro momento o capítulo apresentará uma breve síntese sobre a noção de cidade como vivida no processo de emergência e consolidação do capitalismo, e a ideia de homem livre nela envolvi-

da. Em seguida, fará uma análise breve sobre os tempos pandêmicos vivenciados historicamente no Brasil, procurando compreender o processo de modernização conservadora no país em situações de crises sanitárias. Em um terceiro momento, o capítulo discutirá a expansão da cultura urbana e o processo que levou a emergência e busca de consolidação da extrema direita no país.

A noção de cidade no processo de emergência e consolidação do capitalismo

A idéia de liberdade, de homens livres, do século XVIII tardio é pensada através da idéia e da experiência de quebra de fronteiras entre feudos, como sinônimo de sociedade fechada em si mesma, e a emergência e expansão dos burgos, para além do mercado e de instituições administrativas. Estes últimos ponderados como um espaço de liberdade, do encontro entre diferentes, e como um lugar de acesso comum a todos interessados em uma ampliação do espaço comunitário para caminhos onde a individualidade poderia florescer.

A cidade como núcleo urbano aparece assim como o lugar dos homens livres, donos de si

próprios. Como um lugar de igualdade em que todos poderiam exercitar os seus talentos e sonhos.

No avançar da segunda metade do século XIX, contudo, a liberdade e a idéia de homens livres começam a ser questionadas, Karl Marx (2007), por exemplo, discute e apresenta a noção de liberdade e igualdade, contida no ideário de homens livres, como uma falácia. O capitalismo começava a se consolidar, e a cidade se concretizava como o nucleamento fundamental onde se exercitava a sua consolidação. O liberalismo tomava a forma de ideologia política em que se assentava a idéia de liberdade e igualdade questionada por Marx.

O homem livre, no questionamento de Marx, surgido no ideário liberal, e posto em prática pela burguesia na constituição de uma sociabilidade capitalista, era aquele que se colocava no mundo como mão de obra para o capital. A destruição dos laços comunitários trouxe para essa massa humana que não cansava de aportar nos burgos, - transformados em cidades e nucleamentos urbanos cada vez mais inchados, - nada mais do que a luta desigual pela sobrevivência.

Para Marx, a noção de homens livres desideologizada, dizia respeito nada mais e nada menos do que a de indivíduos entregues à própria sorte e possuidores apenas de sua capacidade de trabalho. Capacidade de trabalho expressa na venda de sua força de trabalho.

Diferente da escravidão, onde o homem inteiro estava sujeito à propriedade de outro homem, e da servidão feudal, onde os homens tinham sua liberdade sujeita ao pagamento de dízimos ao senhor feudal proprietário das terras, o indivíduo livre era proprietário de si próprio apenas na realização da venda de sua força de trabalho e da sujeição à lógica, ao tempo e ao espaço do capital.

Assim, para sobreviver, o indivíduo livre se via sujeito à lógica da concorrência, entre uma vasta maioria de indivíduos expropriados. E, igualmente, à submissão a um ritmo de trabalho exaustivo e improdutivo para si próprio, na medida em que realizava o trabalho para um outro, o capitalis-

ta, em troca de um cada vez mais reduzido salário[1].

A cidade se realiza destarte, como o ambiente propício para a realização do capital e como espaço de concorrência entre indivíduos despossuídos e entre capitais. A individualidade, expressão contida na idéia do indivíduo livre de amarras e disposto para si mesmo e por si mesmo que emerge dessa desposseção é assim quantitativa, sujeita à lógica do dinheiro visto como um *deus ex-machina*, nas palavras de Marx (1959), e depois utilizada por Georg Simmel (1900, 2005).

Os indivíduos emergem como personagens trágicas entregues a si mesmo, na lógica de uma sociabilidade orgânica, no dizer de Émile Durkheim (1967). Colocam-se acima da tradição e se autorrealizam e sobrevivem na concorrência entre si, como força de trabalho e como capital.

O rompimento de laços pessoais e sociais, e a repetição massacrante de um presente contínuo de sobrevivência e exploração, colocam estes

---

[1] Mais reduzido pela ação da concorrência entre os despossuídos por uma vaga de trabalho, o que fazia achatar mais e mais o valor da força de trabalho do trabalhador.

personagens no interior da lógica da anomia, da solidão, do sofrer. A cidade como realização do capital, em Marx, e como solidariedade orgânica, em Durkheim se satisfaz pela expansão da desigualdade e pela desilusão, revelada pela indiferença.

A vida na cidade se realiza na desilusão. A forma de sobreviver é se assentar sob um olhar melancólico. Melancolia esta, na análise de Walter Benjamin (2018), que se conforma como uma sensação de algo que se perdeu não se sabe onde, como e quando, e também no desengano e desencanto de que só resta enfrentar a máquina de um presente de sofrimento em busca de algo que permita a si e aos seus continuarem por mais um dia e, quem sabe, por mais um outro.

Hannah Arendt (1972) vai encontrar esse olhar melancólico que invade o personagem citadino no que ela chama de "perda de um mundo comum". Perda este que se concretiza na busca de algo sempre distante, e sempre nunca alcançado, que configura a vida urbana e a cidade moderna.

Simmel (2005), por outro lado, vai afirmar que a emergência do indivíduo na modernidade, trouxe consigo, também, um sonho de expansão da criação humana, através de sua diferenciação e individualização. Processo que se deu a partir de um crescimento continuado de informações que dinamizaram a estrutura fechada das antigas lógicas parentais e comunitárias.

A ideia de cidade moderna para ele contém em si mesma essas possibilidades. É no encontro com o diferente, humanos e não humanos, que o exercício da criação e da ampliação dos espaços possíveis de realização acontece.

É o cerne desse encontro que Simmel chamará de *individualismo qualitativo*. No desenvolvimento da ideia enseja encontrar a resposta da pergunta "como se faz possível a sociedade" (SIMMEL, 1908b). Assim, para ele, o encontro entre indivíduos, provoca projetos que se objetificam e se cristalizam em processos sociais, sempre indeterminados.

Seguindo Marx[2], Simmel vai afirmar, contudo, que o individualismo emergido da sociabilidade moderna, sufoca e constrange o *lado qualitativo* da emergência da individualidade. Processo este que emerge no assumir, pela e através da objetificação da sociabilidade moderna, o emprego e o desempenho do *lado quantitativo* da individualidade, apontando para a sua conformação individualista.

Para Simmel, este ajustamento tem por base a subsunção dos indivíduos à lógica do dinheiro, e à lógica do capital e do consumo que constituem e dão forma e seguimento à sociabilidade moderna.

Para realizá-lo, a sociabilidade urbana moderna, sob a égide do capital, submerge e abafa o potencial criativo da individualidade, presente e constante do *individualismo qualitativo* e da cultura da diferença enquanto *cultura emotiva instituinte*. O substituindo, destarte, por uma lógica mesquinha do consumo, do dinheiro, e do valor eco-

---

[2] E ao mesmo tempo se diferenciando dele na identificação da base econômica geradora do processo social, ao afirmar que o social é produto do encontro entre indivíduos, e a economia é um produto desse encontro (SIMMEL, 1900).

nômico acima dos indivíduos, presentes na verve da ideologia liberal.

A cidade, na modernidade, assim, na análise simmeliana, é o resultado continuo da tensão entre o ser (vida) e o ter (busca constante e sem propósito de um amanhã que nunca chega). Fato este que coloca em conflito permanente a cultura emotiva (entre individualidades qualitativas) e código de moralidade (que subsume e alheia os indivíduos na *quantificação individualista* da lógica liberal).

Do mesmo modo que tensiona as relações entre diferença e respeito à diferença, impondo a descriminação, o estigma e a ampliação da desigualdade como naturais, baseadas em códigos de supremacia abalizada no valor econômico. Como Marx, Simmel vê o *individualismo quantitativo* na disposição de desposseção do valor humano pelo valor econômico. Com a emergência da modernidade capitalista e do individualismo, destarte, tudo se torna moeda de troca, tudo pode e todos podem ser comprados.

Tudo tem o seu preço, e são pensados como coisa. No *individualismo quantitativo* os indi-

víduos e coisas tornam-se posse e são vendíveis, se tornam mercadorias.

A cidade, no capitalismo emergente do final do século XIX a meados dos anos trinta do século XX, dessa maneira, se constitui como modo de vida. Compleição esta sempre no interior de uma tensividade entre o exercício de crescimento individual qualitativo, - na multiconvergência de diferenças possíveis, - e do achatamento das diferenças à lógica do consumo e do dinheiro, - na valorização do econômico do individualismo quantitativo.

Este processo conduz o amolgar da diferença no interior do conceito de dessemelhança. Esta última noção, abalizada no conceito de desigual, implica a visão do outro enquanto desvalor e enquanto personagens de possíveis desordens, se não domesticados e submetidos.

O Brasil em tempos pandêmicos: fronteiras, medos e sociabilidades

Após situar a cidade moderna, enquanto espaço urbano para o capital, se busca situar a partir de então o Brasil urbano em situações críti-

cas, a partir das experiências de crises epidêmicas e pandêmicas. Problematiza o país como periférico mundial e no interior de tal contextualização procura analisar os caminhos assumidos para sua modernização enquanto um engendrar para o capital.

A pandemia da cólera no final do século XIX e inicio do XX no Brasil trouxe junto a si pressões mundiais para a modernização social. Processo que proporcionou uma tensão interna muito grande entre lógicas sanitárias e políticas. Nesse cenário tensivo se situam, de um lado, a emergência do discurso de uma ordem médica que junto com a administração pública tenta conter a doença. E, de outro lado, a articulação resultante entre a ação médica, enquanto normatização de ações sanitárias, e a sociedade.

O resultado desse embate foi, entre outros, a de uma desvalorização de métodos tradicionais de cura no enfrentamento da crise epidêmica. Tal desvalorização buscava a submissão e prática educativa da população à visão sanitária sob a normatização de ações da medicina. Fato que proporcionou várias revoltas e prisões ao lado

da desqualificação de outras formas de agir tradicional, corriqueiras e bem-acolhidas pela população de então.

A ordem médica enquanto discurso científico na época, destarte, lutava pela consolidação de sua prática como a única verdadeira na contenção da doença, e do endoecimento em geral. Ao se juntar com a ordem administrativa governamental, junto a outros empreendedores morais (BECKER, 2008), - arquitetos, engenheiros, juristas, religiosos, entre outros, - procuravam responder às pressões internacionais e montar um grande esquema sanitário no projeto de modernização urbana no país.

As cidades no Brasil de então passam assim por uma requalificação e ordenamento. Bairros inteiros são destruídos e a população despejada para locais distantes, sob o argumento sanitário de poluídos (sujos, imundos, feios, locais de contaminação). As ruas são normatizadas em projetos urbanísticos, as praças são arquitetadas em função de um lazer do cidadão da cidade oficial[3], e ave-

[3] Por *cidade oficial* me refiro às instâncias morais representadas pelas instituições governamentais e administrativas da cidade, bem como, de

nidas são abertas para facilitar a movimentação de pessoas e circulação de mercadorias.

Entre os anos finais do século XIX até os anos trinta do século XX, portanto, um grande projeto de ação modernizadora envolveu as cidades brasileiras no sentido de embelezamento, ação sanitária e circulação de mercadorias. De outra parte, e ao mesmo tempo, o combate à epidemia da cólera se transformou em uma ofensiva civilizadora (REGT, 2017). Ofensiva esta que, na luta pela qualificação da ordem médica, desqualificou as práticas tradicionais de ação de cura da população mais pobre. E, no embate do embelezamento e modernização das cidades, estendeu o olhar para o outro (o homem comum pobre), qualificando-o como desigual, como incivilizado e causador de desordem.

A pobreza, e os homens comuns pobres que provinham para as cidades em busca de trabalho, expulsos dos seus lugares pela modernização agrícola ou pela ação de intempéries periódicas, como as secas, etc., eram preciso ser conti-

---

outras esferas moralizantes e moralizadoras sociais como a mídia, igrejas e grupos de poder locais, instituídos ou em instituição.

dos. Em tal lógica de contenção e controle social é montado todo um aparato institucional no qual a pobreza e os pobres seriam classificados, cadastrados, e separados entre trabalhadores e não trabalhadores, em velhos, crianças e em idade de trabalho, em doentes e sadios, e outras categorizações.

Nesse mesmo processo se organizava a gestão da pobreza urbana. Gestão que se configurava em uma nova ordem de controle social que tomava forma em delegacias, prisões, orfanatos, casas de misericórdias, asilos, entre outros. Aparatos institucionalizados erguidos como forma de dar seguimento a categorização dos pobres e ordená-los e submetê-los à lógica disciplinar da nova ordem social que a cidade modernizada propunha (KOURY, 2017a, pp. 31-68).

A exclusão social da pobreza urbana, de tal modo, aprofundou-se. Como uma consequência direta da ação econômica internacional, passou também a se movimentar por lógicas modernizadoras por que passavam as cidades.

A pobreza no urbano citadino da ofensiva civilizadora (REGT, 2017) de então se configura

enquanto perigo. É classificada enquanto bárbara, suja, feia, cheia de doenças, imoral, contaminadora dos lugares públicos da cidade oficial, e que precisa ser contida e vigiada pela administração pública e seus empreendedores morais.

Os homens comuns pobres passam assim a serem vistos como massa de manobra possível, ou como sujeitos de desordens. Eram vitimas constantes dos governantes, pela negligência sanitária e com a saúde pública, que só tardiamente agiam em processos de contenção epidêmica, e sempre sobre e contra eles. Agiam por pressão, quando já havia muito sofrimento e mortes por parte da população pobre.

A administração pública das cidades, assim, utilizava a epidemia como manobra política. Só agiam sobre a pressão de empreendedores morais, - movidos estes pela expansão da doença para a cidade oficial, - com atos de acusação, contenção e controle da pobreza e sua evacuação dos lugares dos cidadãos.

Essa mesma lógica de exclusão, em outros surtos epidêmicos[4], tendo a cidade como lócus de ação, pode ser considerada através do desprezo e da negligência governamental com o homem comum pobre morador das periferias. As crises epidêmicas e pandêmicas destarte, para serem analisadas no Brasil têm que ser pensadas dentro da lógica política de ação governamental e dos seus empreendedores morais que a suportam.

A expansão da cultura urbana e a emergência da extrema direita ao controle do país

A cultura emotiva e a moralidade sempre em jogo tensivo e às vezes conflituoso são sensíveis às mudanças situacionais dos jogos processuais em seu interior. O Brasil se tornou um país com uma maioria populacional urbana a partir dos anos de

---

[4] A gripe espanhola de 1918, a poliomielite entre os anos de 1940 a 1960, os surtos epidêmicos de meningite de 1923 e de 1945, conformam episódios epidêmicos encobertos e dissimulados pelas autoridades sanitárias e governamentais de então. Muitas delas tendo terminado por si próprias, sem ação direta governamental. A meningite, por exemplo, retorna como nova situação epidêmica nos anos de 1970, durante a ditadura militar de 1964. Episódio com mais de 80 mil mortes pelo Brasil afora, encoberta, porém, e negada e proibida de divulgação pela imprensa no país, pelo receio do comprometimento do projeto político da ditadura e dos próprios militares no poder.

1970. Processo que se estabeleceu com a ampliação da modernização no campo e pelo projeto desenvolvimentista contido no modelo do chamado "milagre econômico" da ditadura (1964-1986) de então (SALAMA, 2021).

A expansão dos núcleos urbanos no país tomou novo rumo e se dirigiu, desde o final da década de 1990[5], para as cidades interioranas. Processo impulsionado pelas possibilidades de emprego e melhor qualidade de vida pareciam causar a migração dos grandes centros para o interior, fazendo uma inversão nos processos migratórios nacional.

Em tal cenário, - a partir dos anos setenta, - se abrem janelas para o entendimento das transformações básicas que passou o país e o brasileiro comum. Por uma parte, se dá a conformação da individualidade, ao lado do despertar e do desenvolvimento da luta pela ampliação dos direitos como pessoa, como categorias profissionais, de gênero, e de etnias.

---

[5] Até então, o processo de expansão dos núcleos urbanos no país se concentrava no crescimento das grandes cidades, capitais dos estados e do distrito federal,

Por outra parte, abre-se perigosamente um caminho para a reestruturação de forças obscuras, que se afiançam de um canhestro e violento discurso moralista contra os movimentos que lutavam (e lutam) por uma maior individualidade, por direitos sociais e políticos, e pelo respeito ao corpo e escolhas pessoais, de gênero, de sexualidade, etc.

A individualização processada no Brasil, a partir dos anos setenta (KOURY, 2003), com o crescimento e o inchamento das cidades, portanto, provocou um amplo processo de modernização nos modos e estilos de vida (KOURY, 2010; 2014a) dos seus habitantes. Igualmente produziu também uma ampliação das motivações e expectativas pessoais e sociais da população, sobretudo no amplo leque das camadas urbanas.

O processo de redemocratização dos anos oitenta, a expansão da pós-graduação em todo o país, a emergência de novos sujeitos em movimento – étnico, de gênero, de sexualidades diferentes do modelo heteronormativo, entre outros, - produziram uma nova consciência na qual a individualidade, o cuidado de si, a luta por direitos

e reparação de danos históricos tomou conta da pauta de negociações tensivas. O contexto situacional da redemocratização, assim, dinamizou a sociedade e sua juventude com projetos de afirmação pessoal e coletiva. Dinâmica que abrangia em seu proceder plano para a construção de caminhos próprios, com expectativas altas pessoais e coletivas de realização.

O período de Fernando Henrique Cardoso na presidência do país frustra as expectativas da sociedade civil, com sua política neoliberal de estado mínimo e de desestabilização do emprego e requalificação do trabalho. Ações que se desenvolvem a partir de uma política intensiva de privatizações[6], associada com a extinção de vários órgãos federais e a política de demissão voluntária de servidores públicos[7].

Atinge, igualmente, nessa ação destrutiva as universidades federais as colocando em situação crítica, quando busca desqualificar o seu de-

---

[6] Como a Estrada de Ferro do Brasil, a Vale do Rio Doce, entre outras.

[7] Transformada depois em compulsória e, vivida de forma dramática entre os funcionários do Banco do Brasil. Tragédia que motivou uma onda de desespero, angústia, medo, e uma série de suicídios entre os funcionários do banco (PRATA, 2002).

sempenho. Para tal cria impedimentos à contratação de novos profissionais e, concomitantemente, acena para a sua privatização, com apoio explicito ao crescimento de instituições de ensino privadas. Contudo, apesar dessa intensa devastação, não consegue esmorecer o ânimo e expectativas da juventude em busca de uma integração plena à vida pública e a um bem estar privado.

Com a ascensão de Lula à presidência, até o primeiro governo de Dilma Rousseff, se dá a abertura para uma política de expansão econômica, geradora de empregos e de novos parques industriais de ponta pelo Brasil afora. Igualmente, se reforça e amplia o ensino nos três níveis básicos, e se avança no processo de democratização do acesso à educação: de primeiro e segundo graus, graduada e pós-graduada, e da rede de instituições do ensino técnico.

Os dois governantes assinalados produzem um esforço significativo para diminuir a desigualdade em um país desigual, e realiza políticas públicas de proteção social e programas de transferência de renda como o Programa Bolsa Família e outros. O que aumenta a expectativa de vida e

o ingresso de camadas historicamente descriminadas do país ao consumo e a fazerem planos de futuro (FONSECA; ROQUETE, 2018). O país ganha reconhecimento internacional, e é visível o resultado do acesso das populações mais pobres ao consumo, e ao debate sobre os rumos pessoais e coletivos no país.

No segundo governo de Dilma Rousseff, contudo, os grupos políticos de direita ganham força no país. Estes grupos configuram uma estranha aliança, e acomodam no seu bojo um amplo leque de setores empresariais, de deputados e senadores, de quadros de profissionais liberais (maiormente advogados e juristas, e médicos), e de igrejas (sobretudo, evangélicas neopentecostais e católicas carismáticas). Além do apoio de grupos militares ligados aos quadros mais obscuros da ditadura de 1964, e uma espaçosa gama de personagens vinculados a grupos paramilitares de milícia e a movimentos neonazistas no país.

Esse bizarro leque aliançado, depõe a Presidenta Dilma em 31 de agosto de 2016. Assume desde então o governo federal com uma política de destruição das bases democráticas do país, as-

sociada a uma investida pesada contrária ao meio ambiente e à política de proteção dos direitos de setores vulneráveis do país: indígenas, quilombolas. Ações estas associadas à tentativa de por fim a direitos trabalhistas e demais direitos sociais conquistados em lutas históricas.

É essa peculiar e danosa aliança que assegura o caminho para a expansão da extrema direita patrocinando a candidatura e posterior eleição de Jair Bolsonaro à presidência do país. A aliança que conduz o bolsonarismo ao poder se fundamenta, desde então em uma contra-ofensiva civilizatória (REGT, 2017). Conta-ofensiva dirigida aos movimentos sociais de gênero, étnicos, sexuais em sua luta pelo respeito, emancipação e direitos humanos e sociais.

Essa contra-ofensiva fez com que se elegesse no país o atual governo de Jair Bolsonaro. A sua campanha se baseou na promessa e defesa da liberação da posse e uso de armas no país, ao lado de insinuações e elogios à ditadura e a personagens sádicos dessa época, - alçados a heróis. Além da defesa e busca de consolidação do esquema de milícias privadas, da perseguição e mor-

te de lideranças populares, além da destruição dos direitos trabalhistas e cidadãos, entre outros desafetos.

A extrema direita assume a presidência do país no dia primeiro de janeiro de 2019. O Brasil, com a posse de Bolsonaro entra em um processo de desmonte nos planos econômico, político e social, causando uma grave crise política. No atual momento histórico, com a expansão da pandemia mundial do coronavírus o país se defronta, desde o início do ano de 2020, com uma nova crise: a sanitária. Desde então o país e os brasileiros se confrontem com estas duas graves crises: uma sanitária, e a outra social, política e econômica.

A pandemia mundial do coronavírus de um lado, colocou o país no segundo lugar de pessoas infectadas e de casos fatais no mundo. O que vem causando uma intensa crise no contexto de um governo que se coloca de costas para a saúde pública do país e faz ironia sobre a expansão da covid-19 (BENITES, 2020).

Esse fato abriu situações para montagem de um cenário genocida, em que as instituições governamentais dominadas pelo bolsonarismo, di-

reta e indiretamente, promovem e estimulam arruaças, embotamentos e constrangimentos a ordem democrática, e à crise sanitária. O que aprofunda a crise política e o quadro de insegurança do brasileiro comum.

Na ação prática do cenário montado, o bolsonarismo utiliza-se de grupos de apoio financiados por empresários ou pelo próprio governo federal. Do mesmo modo, espalham notícias falsas e convocam a população para ir às ruas e destruir ou obstruir equipamentos sanitários: em feitios de invasões de hospitais, quebra de equipamentos, ameaças a equipes de saúde e aos pacientes internados, bloqueio de ruas impedindo ambulâncias de chegarem aos hospitais, divulgação de notícias falsas, entre outros.

A ação política de destruição do já frágil processo democrático no país, de outro lado, por sua vez, configura a crise social, política e econômica. Esta crise, ao lado do esfacelamento econômico brasileiro e de privatizações de empresas públicas do país e expropriação dos bem do Estado, se constitui pela produção de ameaças de fechamento do Congresso Nacional e do Supremo

Tribunal Federal, por ataques a governadores e prefeitos, e pela tentativa de desmanche de instituições (mormente as relacionadas à saúde, à educação, e à prática científica).

Afora a ação genocida direcionada aos grupos tradicionais vulneráveis, como a população indígena, quilombola, e a população mais pobre do país, e as tentativas diretas ao ecossistema (como incêndios provocados, incentivo a garimpos 'ilegais', destruição de florestas), entre outras. O país vive assim, desde a assunção de Bolsonaro ao poder, uma situação crítica e uma situação limite proporcionado pela dupla crise.

As duas graves crises alocam a análise do processo vivido no interior de um quadro situacional em que afloram e se desenvolvem um conjunto de emoções. Quadro situacional este que conforma um cenário de desolação.

Revela-se nele um panorama em que o medo, a angústia e a tristeza conformam o tom do cotidiano existido[8]. Ao lado de sentimentos de indi-

---

[8] Em uma enquete por meios de redes virtuais (Whatsapp e E-Mails), aplicada entre os dias 27/3 a 21/4/2020, pelo Centro de Investigaciones y Estudios Sociológicos (CIES) em toda a América Latina, com 2500 interlo-

ferença e desdém[9] por parte de grupos de apoio ao bolsonarismo. Concomitante a ação de setores religiosos, - sobretudo neopentecostais e católicos carismáticos, - que transformaram os púlpitos das suas igrejas em palanques políticos de onde mini-minizam a crise sanitária e defendem o genocídio governamental, quando não o promovem institucionalmente em missões que visam constranger e impedir povos tradicionais de lutarem por sua cultura e rituais.

A cultura emotiva do país que vinha em processo de alargamento de conquistas sociais, culturais e de comportamento público desde o processo de democratização e fim da ditadura militar, - com base no respeito social às conquistas efetivadas, e na ampliação e consolidação desses direitos e autonomia, - se vê assim confrontada e ameaçada. Do mesmo modo, os setores universitários e de ensino são testados a todo o momento

cutores, o Brasil está representado com 707 respondentes. Ao se tomar aqui as respostas dos interlocutores brasileiros, 90% apontam as emoções Ansiedade, Medo e Tristeza como as emoções predominantes sentidas nesse cenário de pandemia.

[9] Na mesma enquete do CIES, apenas 6% das respostas indicam indiferença/desdém, os demais 4% se dizem tranquilos ou não responderam.

em um processo continuado de ações que visam à humilhação e ao descrédito dessas instituições e da docência e discentes, - com verbas cortadas, com a continuidade de ensino e as pesquisas ameaçadas, com de provocações em sala de aula, com cortes de bolsas de formação graduada e pós-graduada, entre outros desafetos. A agenda cultural do país, igualmente, se vê desrespeitada, com invasões e denúncias sobre instalações artísticas e cortes de financiamento a museus, teatros, entre outras.

É nesse quadro de desrespeito ao país e à polifonia de vozes em busca de afirmação enquanto autonomia, que se consolida a crise política por que passa o Brasil, com o governo Bolsonaro. Ao lado de sua ação prática de destruição econômica e social, e de desorganização pública.

Crise que se amplia com o início da crise sanitária, como já visto, e que comporta ações públicas da presidência da república e seus aliados de boicote e minimização da pandemia no país. Ao lado de incentivar a população às ruas, boicotando o isolamento social e o uso de máscaras, contrariamente às recomendações da Organiza-

ção Mundial de Saúde (OMS) e dos demais países que enfrentam a pandemia. Além do desdém, da indiferença e menosprezo à dor pessoal dos que perderam e perdem os seus entes queridos ao coronavírus[10].

A cultura emotiva se choca assim com a amoralidade e o desprezo governamental com o destino do país e dos brasileiros. A desigualdade social e econômica que vinha diminuindo durante os governos Lula e de Dilma Rousseff, se expande assustadoramente. O desemprego aumenta e cria junto a flexibilização das leis trabalhistas um ambiente de insegurança ao trabalhador, e de desespero e falta de expectativas nos jovens em busca de alocação no mercado de trabalho ou em processo de profissionalização.

As expectativas quanto ao futuro pessoal ou do país caem a níveis assustosos. O estado de

---

[10] Em menos de seis meses, desde as notícias dos primeiros contaminados pela covid-19 no país e o primeiro caso fatal, o país passou de uma posição zero para o segundo lugar mundial de pessoas contaminadas e mortas vítimas do coronavírus, fato ocasionado pelo pouco caso e boicote as ações públicas de controle da pandemia pelo governo federal (JUCÁ; GALINDO, 2020). Em fevereiro de 2021, o país com dados de 27/2/2021, configura com um total de 10.517.232 casos confirmados e 254.221 óbitos. Fonte: https://covid.saude.gov.br/, acesso 28/2/2021.

intolerância e de desrespeito ao brasileiro comum e ao meio ambiente pelo governo federal e seus aliados se desenvolve, com tentativas pesadas de destruição do patrimônio brasileiro, das reservas florestais, e de intimidação e aniquilação de líderes sindicais e políticos, e das populações tradicionais (indígenas e quilombolas).

O espetáculo da violência física e simbólica toma conta do Brasil e atinge a todos, mas, principalmente, os mais vulneráveis (DIAS, 2020). Entregues à própria sorte, a população busca sobreviver à pandemia e a reagir aos atos de descivilização e retrocesso promovido por Bolsonaro e seus aliados. Atos descivilizatórios vividos de forma alarmante e desconfortável pelo homem comum das classes médias e pobres do país.

As classes médias, destarte, que possuem melhores condições econômicas e de acesso a informação campeiam seguir as regras da OMS de isolamento social e o uso das máscaras e cuidados básicos para diminuir os riscos de contaminação. Aqueles que não possuem condições melhores (econômicas e de acesso à informação), - principalmente os setores das camadas mais baixas das

classes médias, - tentam contornar a crise pandêmica da melhor forma possível, seguindo os padrões básicos de orientações desordenadas que conseguem captar de redes sociais virtuais ou de notícias (muitas vezes, notícias falsas[11]) que chegam aos seus ouvidos[12]. Os mais atingidos são, contudo, os setores mais pobres das periferias das cidades e de áreas suburbanas e rurais[13] e, de maneira atroz e genocida as comunidades tradicionais.

---

[11] As *fake news*. Também uma forma suja de política expandida no país com o advento da aliança de direita no país, desde a destituição da presidenta Dilma Rousseff e da ascensão de Bolsonaro ao poder.

[12] Entre os setores de camadas mais baixas das classes médias, muitos estão ligados às igrejas neopentecostais e carismáticas e servem como 'formiguinhas' e 'obreiros' à política dos seus pastores e padres aliados à Bolsonaro e sua equipe. Patrocinam 'espetáculos' de invasões a hospitais, de bloqueios de ambulâncias que carregam vitimados pelo coronavírus, de desrespeito ao uso de máscaras e de isolamento social, promovendo arruaças e aglomerações públicas, - se contaminando e promovendo a ampliação e circulação do vírus, - entre outras ações de desordem social.

[13] Os setores mais pobres são as principais vítimas em contaminação e morte pelo coronavírus no país como um todo, demonstrando de forma dramática que a pandemia é vivida de modo desigual pelo cidadão comum brasileiro, atingindo e matando principalmente aqueles que não têm condições socioeconômicas necessárias para um controle eficaz de si e dos seus, e que não tem recursos para sair com vida se contaminados. (Ver, entre outros, BLUM, 2020; PORTAL FIOCRUZ, 2020; MARTINS, 2020; PATERNIANI; CARVALHO, 2020).

Notas finais

Neste capítulo se discutiu a situação limite vivida no país, com a ascensão da extrema direita que se estabelece, de forma dramática, desde o início do governo Bolsonaro. Ao assumir a presidência, já no seu discurso de posse, coloca as cartas na mesa e afirma que não governará para a população, mas para os que o elegeu. Com essa dura declaração conforma o palco de onde organizará as tensões e descalabros do seu governo.

Os dois primeiros anos de governo representaram bem a dinâmica de destruição das linhas democráticas em que se baseava a república brasileira desde o final da ditadura militar de 1964. Delimitaram também os termos de apropriação do Estado para fins próprios e da expansão dos limites da violência, patrocinando ou incitando a organização da milícia armada e fazendo emergir grupos de extrema direita até então abafados e clandestinos desde o final do regime militar.

Esta questão será retomada no próximo capítulo. Nele se discutirá a problemática relacionada à quebra de negociação, e a fragmentação da cultura emotiva no país a partir da ascensão de

Bolsonaro à presidência, e as consequências vividas pelo país.

Capítulo 4

Cultura emotiva: quebra de negociação e insegurança

Este capítulo tem por objetivo fazer uma análise da situação limite recente vivida no país, com a ascensão da extrema direita. Movimento que tem início com as mudanças sociais ocorridas a partir dos anos setenta, no processo acelerado de urbanização e individualização brasileira.

Como já visto, este ambiente crítico se aprofunda com a emergência de Fernando Collor ao governo federal, e segue o seu ritmo de expansão durante os dois governos de Fernando Henrique Cardoso. Ambos aportados na ideia de estado mínimo, de privatizações de empresas estatais importantes, e na reorganização produtiva com objetivo de tornar flexíveis os estatutos e direito do trabalhador.

Essa política tem, contudo, o ritmo desacelerado nos dois governos de Lula e no primeiro governo de Dilma Rousseff, porém retorna no processo de aliança articulada pela extrema direita no país, que organiza, impõe um golpe branco e depõe a Presidenta Dilma. E se estabelece de forma dramática com a ascensão e posse de Jair Bolsonaro à presidência.

Eleito à presidência do país em meio a uma campanha suja, de divulgação de notícias falsas sobre o país e em relação aos seus adversários, e de discursos de ódio[1], e de incitação à violência. Ao lado de estimular e muitas vezes promover respostas impetuosas de que todo '*cidadão*' deve cuidar de estabelecer a '*normalidade*' através da força, "*na marra*", contra os '*bandidos*' ("*bandido bom é o bandido morto*") e contra os direitos humanos, entre outras promissões do gênero.

Ao assumir a presidência, diz que não governará para a população, mas para os que o

---

[1] Direcionados contra a luta feminista, contra o movimento homossexual; e contra a pobreza, e os povos tradicionais, principalmente, índios, quilombolas, comunidades ribeirinhas, entre outras.

"*elegeram*". Os dois anos de Bolsonaro na Presidência da República - com o controle do poder judiciário e do poder legislativo, que fazem vista grossa para uma série de desmandos contra a constituição brasileira, - têm sido organizados, de um lado, por atos de desmoronamento da frágil democracia no país e por uma política de destruição dos direitos sociais, humanos e trabalhistas.

De outro lado, por ações de incentivo a promoção da desordem social, política e moral, junto a uma série de acusações e escândalos[2] que vão desde desvio de recursos, à chefia da milícia no Rio de Janeiro, e acusações de assassinatos[3], entre outras desordens.

Igualmente expande o desemprego no país, e a flexibilização das normas de trabalho, retirando por completo (ou quase) os direitos trabalhistas dos trabalhadores. Concomitante produz uma

[2] Da e sobre a família Bolsonaro.

[3] Como a caso da vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco e seu motorista, mortos em uma emboscada pela milícia, envolvendo um dos filhos e o próprio Presidente Bolsonaro, afora mortes de lideranças comunitárias e ambientais, e a política genocida contra a população indígena e quilombola.

reforma previdenciária que massacra a vida do trabalhador e o impede de se aposentar.

Os quase dois anos de governo foi também o da expansão dos limites da violência. Nessa direção patrocina diretamente ou incita a organização da milícia armada (MANSO, 2020). Ao mesmo tempo faz emergir grupos de extrema direita até então abafados e clandestinos desde o final da ditadura militar de 1964.

Com o controle do poder judiciário e do poder legislativo, o governo Bolsonaro ampliou e estabeleceu um processo acelerado de destruição da sociedade e da cultura brasileira. Movimento este que instituiu e vem aprofundando dia após dia a grave crise política vivida no país.

Após a ascensão do bolsonarismo ao poder, contudo, a sociedade civil apesar de alarmada e inquieta tenta reagir. A reação se processa, sobretudo, nas redes sociais, que se tornou o lugar mais constante de manifestações contra os desmandos de poder da equipe bolsonarista.

Nela, denúncias, acusações e revelações de situações calamitosas e cobranças se ampliaram e, no estado atual do país, respondem às alo-

cuções de um presidente e de sua equipe ministerial. Estes, ensandecidos, ao se verem intimados a propor soluções viáveis, e não apresentarem propostas e respostas para a sociedade, com frequência utilizam o que Bourdieu (2012) e Bourdieu; Passeron (1992) chamaram de *retórica do desespero*.

A noção *retórica do desespero* se refere a uma qualidade de falência moral de instituições e de indivíduos em cargos de poder que tentam se esquivar de críticas a situações limite que não sabem ou não querem enfrentar. Ao assim procederem oferecem respostas evasivas ou agressivas quando perquiridos sobre tais situações. Procuram, desse modo, banalizar, minimizar, tornar risíveis ou ainda acusar a situação ou o outro qualquer de formas levianas e muitas vezes agressivas, quando perguntados ou pressionados para tal.

No caso brasileiro, esse tipo de resposta preservativa - vinda da presidência da república e sua equipe ministerial, - são lançadas frente às aflições sociais e à consternação social por que passa a nação brasileira. Respostas que evitam enfrentar de frente os desmandos políticos por eles provoca-

dos, e assume o deboche, o desprezo pela *sacralidade* da pessoa humana (DURKHEIM, 1898; JOAS, 2012), a insensibilidade para com a dor do outro (SONTAG, 2003; KOURY, 1998; 2004), o desrespeito ao brasileiro comum e às mortes que se acumulam em um país despreparado para enfrentar a situação de pandemia que experimenta.

A retórica do desespero serve, portanto, como uma tentativa de encobrir, através de atitudes de desfaçatez, ou de um simulacro funcional, a ruína do caminho político assumido. Caminho este de ampliação e institucionalização do neoliberalismo no país.

Há dois anos e alguns meses após a posse de Bolsonaro a presidência do país, recrudesce os assaltos continuados contra a Constituição Federal. Acometimentos desastrosos, em termos de organização democrática e da cultura emotiva no Brasil, contrárias aos direitos sociais de categorias profissionais, de gênero e étnica.

Associada à crise política, como já vimos, a crise sanitária sobrevém e se agrava em meio ao esfacelamento institucional, social, cultural, emotiva e moral do país. O governo Bolsonaro sobrevive

utilizando-se de ilegalismos e má-fé, e em atitudes claras de desesperação (RBA *Rede Brasil Atual*, 2020), com forte matiz de desprezo com a vida humana[4] e pela coisa pública. Além do apoio incondicional ao capital financeiro e o incentivo a

[4] Em diversos depoimentos públicos, em todos os jornais impressos e virtuais e em todas as redes sociais, como já visto, Bolsonaro vai de encontro à política de isolamento social proposta e em prática mundialmente, e seguida pelos Estados brasileiros através da ação conjunta da maioria dos seus governadores. Para tal, faz campanha pública organizando aglomerações de seguidores incautos, ou perversos, contra o isolamento social e pelo retorno imediato das atividades econômicas, com o argumento de que *infelizmente muitos vão morrer*, *é coisa de quem está vivo, fazer o que!* Mas que a economia tem que continuar a produzir para que o país "possa continuar a crescer" e os empregos não sejam perdidos. Reforça manifestações públicas contrárias a governadores que adotam uma política de prevenção à vida, e nega o caos sanitário que chegaram alguns estados da federação, sem falta de leitos em Unidades de Terapia intensiva e sem equipamento adequado para acolher pessoas acometidas pelo vírus. Diz ainda não ter conhecimento da calamidade pública da falta de locais para enterro dos mortos pelo covid-19 e faz piadas sobre a dor da perda dos que ficam e tiveram parentes mortos na pandemia. Estimula que insensatos seguidores façam aglomerações públicas em portas de hospitais, impeçam ambulâncias de levarem pacientes aos hospitais, tenta "*premiar*" escolas e universidades públicas que retornem as atividades presenciais, ao mesmo tempo em que suspende bolsas e impede continuidade de pesquisas científicas básicas no país. Do mesmo modo que estimula a invasão de reservas indígenas por pistoleiros armados, quebrando o isolamento e aumentando o índice de contágio entre indígenas; o mesmo acontecendo com quilombolas, que tem seus quilombos assaltados pela pistolagem e são ameaçados de despejo e mortes. Sem falar da destruição de reservas ambientais, e na grilagem de terras, e no aumento de garimpos clandestinos, estimulados direta ou indiretamente pelo governo federal.

grupos ilegais que espalham pânico e morte pelo país afora, principalmente junto a aldeias indígenas e as populações ribeirinha e quilombola.

No mês de fevereiro de 2020, assim, se parelha ao agravamento da crise política a crise sanitária, que se expande de forma alarmante desde a primeira morte por coronavírus no Brasil em 12 de março de 2020. O cruzamento das duas crises acontece com a expansão do covid-19 pelas cidades e campo país afora.

A expansão das crises política e sanitária alterou e vem ainda alterando, de forma drástica, a cultura emotiva que servia de norte, mesmo que tensivamente, aos valores morais do brasileiro comum. Dimana igualmente do individualismo quantitativo que, - se vinha mostrando a sua cara desde o final dos anos setenta, - é aprofundado pelo neoliberalismo bolsonarista que o perpetra escancarando uma nova faceta, que tem se transformado em situação crítica e assustado a quem se propõe a analisá-la.

A nova faceta individualista emergida com o bolsonarismo tem apontado o perfil do bra-

sileiro comum como violento e ressentido, com ondas de ódio e de desprezo ao próximo. Fato que tem levado a uma intensa contenda na arena pública composta e exposta pelas redes sociais[5], de um lado, e por denúncias sistemáticas aos atos descivilizatórios (BATISTA DE SOUZA, 2013) do governo Bolsonaro.

De outro lado, esta querela é seguida - às vezes, de uma maneira assustada, e outras vezes, de um jeito assustador, - por um conjunto de postagens que reforçam o novo perfil do brasileiro comum. Postagens que mostram o brasileiro a partir de uma caricata de violência, ódio, rancor, ressentimento e de um viés egoísta, indiferente, agressivo e brutal.

A aliança dos grupos de direita que derrubou a Presidente Dilma Rousseff e patrocinou a chegada de Bolsonaro à Presidência da República do Brasil tem feito emergir sentimentos até então abafados em relação ao desenho do brasileiro comum. Semelhantemente, vem configurando uma remontagem trágica ao seu novo perfil.

---

[5] Como o Facebook, Instagram, Twitter, Whatsapp, entre outras redes sociais.

Fez surgir das sombras e se fazer olhar publicamente, de um lado, grupos e personagens dos mais sombrios e ameaçadores, recuperados de uma memória histórica que o país quer esquecer, a recente ditadura militar que governou o país de 1964 a 1986. São personagens ligados à tortura, ao assassinato, e ao desaparecimento de brasileiros que lutavam pela democracia no país, e que reapareceram no cenário dramático montado pelo palco bolsonarista reorganizados em milícias armadas (MANSO, 2020). Milícias paramilitares decantadas e saudadas pelo próprio Presidente Bolsonaro desde o primeiro instante em que se pensou candidato e após assumir o governo nacional.

De outro lado, também de um modo ou outro ligado aos personagens acima, os grupos neonazistas e de extrema direita que saíram de suas campas para espalhar medo e intimidação pelos diversos recantos do país, e partiram para uma atuação pública de retorno à ditadura, de apoio ao governo federal bolsonarista, e de promoção de atos de intimidação ao Supremo Tribunal Federal (STF) e a seus ministros (BRASIL244, 15.6.2020), e bravatas contra o setor legislativo do país (El PAÍS, 15.6.2020). Estes grupos são financiados, na maior

parte das vezes, diretamente por empresas apoiadoras do bolsonarismo[6], ou, indiretamente, através de '*vaquinhas*' entre empresários legisladores e que comportam a base da aliança bolsonarista[7].

Além do processo de militarização privada das igrejas neopentecostais, como a universal. A Igreja Universal fundou uma milícia armada de jovens – masculinos e femininos, - para atuar ameaçadoramente entre e sobre as instituições e pessoas que não concordam e se colocam críticos do seu modo de pensar (ROSSI, 2020). Fato que vem sendo seguido por outras instituições religiosas que conformam a aliança bolsonarista. Suas ações têm provocado destruição de templos afrobrasileiros pelo Brasil afora, sendo as suas principais vítimas, até o momento. Mas, também, e ao mesmo tempo, laboram como braço armado de manifestações direitistas no país.

---

[6] Usa-se a palavra *bolsonarismo* como um termo que compreende a estranha aliança entre empresários sem escrúpulos, pastores neopentecostais, católicos carismáticos e seus rebanhos, além da parte mais obscura do exército, as milícias, e os grupos de extrema direita no país.

[7] Quando não alocados em cargos de terceiro e quarto escalão nos ministérios do Governo Bolsonaro (ver, entre muitas outras, as matérias de imprensa: SOARES, (2020), REZENDE, (2020); ALVES, (2020); CORREIO BRAZILIENSE, 15.6.2020).

Esta face cruel do novo perfil do brasileiro comum, no atual momento crítico que se vive no país é explorada e incentivada pelo bolsonarismo. Em um artigo por mim publicado em 1996 e retomado em 2003 (KOURY, 1996a; 2003) discuti o processo acelerado de individualização em relação ao luto e a dificuldade de se viver publicamente o enlutamento e sua dor no Brasil das últimas décadas do século XX e primeiros anos do século XXI. Descrevia, então, da mágoa e da inquietação expressas por interlocutores quanto à falta de solidariedade a quem sofre uma perda e o ritual solitário da dor.

Para muitos dos interlocutores (KOURY, 2003) o receio de se expor publicamente era acompanhado também por uma condenação velada da demonstração da dor em público. O que indicava, de um lado, uma ambivalência de sentimentos de expressão de própria dor e, do outro lado, a reprovação tácita do luto em público, como se a dor pessoal contaminasse os outros com a presença da morte.

A essa ambiguidade chamei de *a formação do indivíduo melancólico* (KOURY, 1996b), cujo

significado residia na ênfase das relações sociais mercantis do individualismo, geradora de solidão, desconforto moral, desilusão e expressão solitária de indivíduos em desacerto e deslocamento em sua dor do social. Na análise, a partir das diversas narrativas de interlocutores, apontei para a emergência, disposição e expansão no Brasil de uma nova sensibilidade em relação ao outro relacional. Nova sensibilidade esta que aflorava em um processo de resignação do *self*, constrangido na intimidade individual, e abria lugar para a emergência de um indivíduo indiferente e fragmentado no social.

Este processo de individualização iniciado nos anos finais da década de setenta ensejou mudanças significativas nas expressões de sentimento da população brasileira, principalmente nos setores de classes médias. O que comportou igualmente o despertar e o desenvolvimento de uma nova sensibilidade no país.

Esta sensibilidade nova teve forte impacto sobre a cultura emotiva brasileira, conformando e dando lugar à indiferença em relação ao outro, a solidão e a dificuldade de expressão dos próprios

sentimentos, - com receio também do uso que este outro poderia utilizar contra a fraqueza demonstrada na revelação. Uma ambiguidade manifestada na forma de não mais saber se comportar em relação às atitudes comportamentais das antigas regras e códigos de conduta que não mais se ajustavam à modernidade vivida.

Ambiguidade também que se fazia a cada dia um tormento pessoal. Aflição que se revelava como solidão íntima, quanto em atitudes de distanciamento e impessoalidade, transvertidas em indiferença[8]. Mas também em discursos sobre perigos e medos do cotidiano, que propagavam inquietação sobre uma cultura de medo em expansão no país, e que traziam novos receios em relação aos outros genéricos (MEAD, 1934) quaisquer, mas principalmente aos outros, também abstratos, porém catalogados e caracterizados de *bandidos*, de *potencialmente perigosos,* de *pobreza*.

Esta ambiguidade também pintava o cotidiano de violento e perigoso, alastrando o social como perverso e transformando o dia a dia em

---

[8] Seja em relação às dores do outro ou no uso que poderia fazer da fragilidade do outro que expunha os próprios sentimentos.

mundos de isolamento e de fechamento em si, e na intimidade da própria casa. Fato que era alardeando (muitas vezes em gritos) sobre a necessidade de segurança e de chavões contra os direitos humanos, o afirmando como "*direitos dos bandidos*" e nas asseverações de que "*bandido bom é bandido morto*"[9].

Nesse ambiente ambíguo o aumento do medo do outro[10] é determinado pelo crescimento do individualismo quantitativo. Expansão que se vem processando desde a década de setenta no país, e se aprofunda na ascensão da extrema direita que conduziu Bolsonaro à presidência da república. É também nesse cenário apreensivo que se perpetrou a crise política, ampliada com o adven-

---

[9] É conveniente lembrar que a partir dos anos setenta o investimento em empresas de segurança (equipamentos e polícia privada) no Brasil se monta e se expande. Essa expansão se produz ao lado da criação e disseminação de uma cultura do medo no país. Cultura do medo esta que organiza, de um lado, o imaginário do brasileiro comum contra o outro qualquer, mas, principalmente, contra a pobreza, vista potencialmente como perigosa; e, de outro lado, igualmente, incentiva a expansão dos negócios ligados a segurança. Ver, entre outros, Caldeira (1991).

[10] No interior de uma densa e expandida cultura do medo, e de indiferença e banalização da morte desse outro abstrato, a pobreza (vista e sentida como barbárie), - que se molda na figura do bandido e do perigoso potencial.

to da pandemia do coronavírus, pela crise sanitária.

Nesse conjunto de situações se coroa um discurso chulo e patológico de um presidente, que escancara a indiferença em relação aos habitantes do país que passa a governar. Do mesmo modo que produz ações de destruição dos avanços democráticos alcançados nos anos de presidência dos Presidentes Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff.

No próximo capítulo se discutirá os sentimentos de desagregação pessoal e coletiva, e de impotência do brasileiro comum durante o isolamento social pela expansão do coronavírus, e pela crise política instaurada pelo neoliberalismo bolsonarista no país. Analisa, assim, a conformação de uma situação limite de quebra da cultura emotiva vivida pelo homem comum no país, assentada em um código de etiquetas e normas por onde se permitia o jogo de trocas societário.

Situação limite geradora, igualmente, de contextos sociais e culturais nos quais os agentes vulnerabilizados necessitam confirmar a realidade de um modo mais explícito e intenso. Fato que pro-

voca um choque permanente de realidade pela sensação de destruição do universo simbólico e moral construído e vivido até então.

Capítulo 5

Pandemia: incertezas, medos, desamparo e desilusão

A crise sanitária no Brasil se acelerou desde o final do mês de fevereiro de 2020, com a pandemia mundial do coronavírus e sua expansão país afora. A partir do mês de março de 2020, com a confirmação oficial do primeiro óbito por coronavírus no Brasil se estabeleceu o isolamento social no país, trazendo mudanças sociais e culturais significativas para os brasileiros que a ele aderiram.

Um ano depois, nos primeiros dias do mês de março de 2021 a contexto da pandemia no país se agrava com um recorde no dia 2/3/2021 de 1.726 mortes em vinte e quatro horas no país, quebrado no dia 3/3 por um novo recorde de número de mortes em um dia, com 1.910 mortes por coro-

navírus[1]. Em 13 de março, as "mortes por covid-19 explodem em 50 grandes cidades do país", com o pico de quase 80% maior do que em 2020 (FARIA et al. 2021).

De acordo com os pesquisadores do Observatório Covid-19 da Fiocruz os indicadores da "média móvel de casos e de óbitos e taxas de ocupação de leitos UTI Covid-19 para adultos [vêm piorando] em uma velocidade ainda não vista até então [no país]" . Fato este que se constitui em o "o maior colapso sanitário e hospitalar da história do Brasil" . (FIOCRUZ, 2021).

No processo de modificação de hábitos e de expansão do covid-19, se a incerteza e a desilusão eram dominantes em grandes e significativos setores da população[2], expandiu-se ao juntar-se ao receio do que decorreria depois, do que viria a

---

[1] Bolsonaro tenta minimizar os novos recordes diários afirmando que não tem o que dizer, é tudo apenas pânico criado pela imprensa (MILITÃO, 2021).

[2] Associado ao receio da contaminação e morte por tentar se acomodar as regras do isolamento, mas não ter certeza sobre o que estava fazendo e nenhuma garantia de que o que estava fazendo estava correto e que protegeria a si, como pessoa, e aos seus familiares.

ser a sociedade brasileira e mundial pós-pandemia. Os diversos cenários montados e apresentados têm ocasionado um aumento da incerteza e do desespero na população. E de forma mais visível entre as classes médias[3].

No mesmo processo, o modo como o Bolsonaro e o bolsonarismo buscam minimizar a situação pandêmica[4], como vimos analisando ao longo deste livro, tem levado a um acirramento do sentimento de naturalização, banalização e indiferença à morte e aos mortos da pandemia do coronavírus pelo país afora (VEIGA, 2020). A minimização da tragédia que tomou forma na pandemia do coronavírus no solo brasileiro se assenta também em disposições de banalizar o isolamento social, e de acusar as vítimas de serem responsáveis por sua

[3] E entre as populações tradicionais no país, indígenas, comunidades ribeirinhas, quilombolas, entre outras.

[4] Seja voltando às costas para o fato da expansão do coronavírus no país, e se recusando a enfrentar a pandemia; seja negando o elevado número de contaminados e de casos fatais que se expandem a cada dia; ou nas dissimulações de mostrarem-se imunes; ou ainda na criação de notícias falsas (*fake news*) como a escabrosa notícia de caixões cheios de pedra, que visava denegrir e negar o aumento acelerado de pessoas contaminadas e de casos fatais no país (ISTO É). Quando não invadindo hospitais, fazendo carreatas contra o uso de máscaras e contra a manutenção do isolamento social, entre outras peripécias.

própria morte. Igualmente, tem o objetivo de isentar o governo da responsabilidade pela crise sanitária (SILVA; PASTI, 2020).

Declarações de deboche e insensibilidade do Presidente Bolsonaro no decorrer do processo pandêmico vão deste a atitude de menosprezo até a acusação de "frouxos" para os que buscam dela se proteger[5]. Estas declarações revelam uma atitude de desprezo e indiferença pela dor do outro. São frases que ostentam, além de uma incapacidade moral de colocar-se no lugar do outro e solidarizar-se a sua dor, a motivação sádica de desclassificar o outro.

Tais ditos, como o "é só uma gripezinha" e o "e daí?", ou na insensibilidade demonstrada no "pois de qualquer modo morreriam", ou no tinham "motivos" para morrer (velhos, doentes, incapacitados, pobres, entre outros), buscam operar um

[5] Acarretam, ao mesmo tempo, uma liberação de frases e perspectivas cínicas e mórbidas pela equipe de ministros. Como, por exemplo, as de usar a pandemia para ações que visem destruir o meio-ambiente, isto é, utilizando as palavras do Ministro do Meio Ambiente; aproveitar a pandemia para passar a boiada (KAFRUNI, 2020); ou, nos termos utilizados pelo Ministro da Economia, utilizar a pandemia para "passar o rodo", ou seja, realizar reformas indigestas, e "tomar dinheiro dos servidores" (BARROCAL, 2020).

sentimento de naturalização de que o coronavírus atingirá apenas os outros genéricos mais vulneráveis. Do mesmo modo que o coronavírus só atingirá aos descrentes a Deus (MF Press Global, 2020), conforme proclamados por pastores neopentecostais e padres da vertente carismática católica bolsonaristas aos seus *rebanhos*.

Tais insinuações insensíveis e abjetas, às vezes com estranho riso nos lábios, procuram provocar na parcela da população que as escutam uma maior indiferença, depreciação e desprezo em relação aos setores mais vulneráveis do país. Muitas vezes, essa mesma parcela que escuta e absorve como verdade os ditos e frases irônicas e de desprezo é, ela mesma, parte dos setores vulneráveis do país.

O país e sua população enfrentam alarmada a situação limite da experiência dessas duas graves crises. As situações limite de um social são aqui definidas como ocasiões de quebra do sistema de expectativas no interior do jogo simbólico-interativo social, o que produz e aprofunda cenários de crise.

Criam contextos nos quais os agentes vulnerabilizados necessitam confirmar a realidade de um modo mais explícito e intenso. As situações limite destarte provocam choques de realidade pela sensação de destruição do universo simbólico e moral construído e vivido.

As emoções de vergonha e de medo se desenvolvem causando uma sensação ansiosa do não saber o que fazer e como agir. O que promove nos agentes em cena sofrimentos psíquicos e sociais que levam, de um lado, à desesperança, e a um estado de latência ou espera. De outro lado, e ao mesmo tempo, conduzem a uma rejeição da situação de desordem, e a possibilidade de descoberta do engodo em que se encontram perante os elementos dispostos e de que não têm controle (KOURY 2018).

Os sentimentos de desagregação pessoal (e familiar) e de impotência do brasileiro comum durante o isolamento social têm surgido no interior de um contexto de arraigado sentimento de solidão. O que tem motivado expressões de fragilidade pessoal e familiar em relação à incerteza frente ao presente vivido e ao futuro.

Não é só o receio da morte que aparece nos diversos depoimentos dos interlocutores que se permitiram conversar a esse respeito comigo. Nas narrativas a morte e o temor à morte de fato está presente e os interlocutores se sentem no meio de um cerco cada vez mais apertado à sua volta[6]. Mas também diz respeito à quebra da normalidade normativa do cotidiano a que se acostumara a viver, e de onde advém uma inquieta quebra de valores e de desorientação frente às demandas de decisões do cuidar de si e dos familiares que se defrontam no cotidiano e não mais sabem como agir.

A vida em quarentena

O confinamento forçado pela quarentena, destarte, desestrutura rotinas. Faz com que várias pessoas coabitem 24 horas por dia fechados em um mesmo espaço.

[6] Os Estados do Amazonas e Pará decretaram calamidade pública já no início deste mês de abril. Ao solicitarem ações para minorarem a situação-limite a que chegaram, recebeu do governo federal uma completa recusa de envio de quaisquer reforços, tendo o presidente da república chegado ao cúmulo de impedir o transporte de caixões funerários para os dois Estados. Hoje, com o sistema hospitalar e sanitário esgotado, as cenas de corpos mortos, em macas ou no chão dos hospitais e unidades de saúde, ou de pessoas morrendo nos carros, em casa, ou na rua se transformaram em um cenário trágico que vem chocando o país.

Igualmente aumenta o receio e a insegurança pessoal de cada um sobre o saber se detém os conhecimentos básicos para proteção e cuidados de si e dos seus (TAYLOR et. al., 2020). Ao lado do sobressalto sempre presente de não ter clareza sobre ou não possuir condições para o controle pacífico dos familiares confinados em casa[7].

A casa assim passa, nas narrativas dos interlocutores, de um lugar agradável, para se tornar, "de repente", em uma arena de disputas. Contendas estas, mormente acirradas entre os membros que nela coabitam.

Com a medida de isolamento social, na casa funcionam e convivem em relações tensas, ao mesmo tempo, aulas virtuais (de professores, mas também de alunos), trabalhos de escritório, atividades profissionais diversas em *home office*, atividades de lazer (ouvir música, cantar alto, conversar com amigos no celular, frequentar redes sociais online, etc.), entre as outras atividades do ambiente doméstico. Essa nova forma de coabitar,

---

[7] Remeto o leitor para o interessante estado da arte de Zamorano Villarreal, (2007) sobre a questão da relação entre casa e família, que não aprofundo neste livro. Ver também, SARTI (1994) e GOLDANI (1994).

principalmente nas classes médias, tem ocasionado um embate aberto ou dissimulado entre os moradores do lugar, quase sempre pais e filhos.

Episódios que acontecem, por exemplo, quando cada um dos membros é solicitado para executar tarefas que, "em tempos normais" não seriam chamados por se encontrarem fora de casa, nas escolas, na universidade, ou no trabalho. Esta nova rotina vem causando óbices na exigência de uma nova forma de convivência.

Esses novos modos de rotinização do comum geram, muitas vezes, um ambiente, "insuportável". Um agente imobiliário (com trabalho em *home office*) em interlocução com o autor, ao tratar da questão, informa do

> desespero que vez ou outra me dá, quando sou chamado para tarefas domésticas que até então não faziam parte dos meus afazeres[8].

[8] Sexo masculino, 38 anos, casado, 3 filhos, com residência na cidade de Salvador, Bahia.

A não separação entre trabalho e casa atordoa seus moradores que exprimem o desconforto com a situação. Esta insuportabilidade assume veios inesgotáveis de constrangimento familiar e gera medos para além do compartilhamento forçado que vivenciam. Por exemplo, apesar dos membros de uma família estar forçados ao isolamento em casa, com tarefas domésticas adicionais, a precariedade familiar se prolonga também sobre a problemática de manutenção do emprego. Isto é visível, sobretudo, em relação às exigências de continuidade do trabalho por meios virtuais, sem o aparato técnico necessário, e o aumento das exigências e do controle sobre as tarefas profissionais que têm que realizar.

Este contexto novo gera um ambiente doméstico tenso, de desconforto moral e quebra da normalidade normativa existente. Relações densas de amor e ódio ganham assim, em muitos casos relatados, um contorno "desesperador" complexificando as relações entre os indivíduos residentes na casa, e a ansiedade e o sofrimento pessoal emotivo de cada um.

De acordo com vários depoentes, "brigas por nada acontecem", e depois,

> se aparentemente tudo parece ter voltado ao normal, na cabeça da gente o que aconteceu, e o acúmulo de situações acontecidas, continua explodindo. No meu caso, com sentimentos absurdos de culpa, de não saber como fazer para pacificar o ambiente, e a dor no peito de não poder ajudar, nem a mim mesmo (...)[9].

Tensão que amplia o nível de ansiedade familiar e pessoal. Consternação associada, mormente, ao medo de perda de garantias constitucionais que levem a família à diminuição de renda, e ao desemprego.

Ansiedade e medo

A emoção medo é expressa pela maior parte dos depoentes. É por eles sentida e se refere

[9] Gerente de banco privado com trabalho em home office, 40 anos, residente na cidade de São Paulo, SP.

a situações claras e definidas em relação a algo imediato e determinado.

O sentimento de ansiedade, entretanto, é experimentado em situações de apreensão e tensão como uma "sensação desagradável", mas ainda não completamente definida. A ansiedade e o medo, assim, são emoções e sensações que andam juntas, de mãos dadas, e em relacionamento intensivo na vida de cada um e do conjunto dos moradores de cada unidade de isolamento.

Uma interlocutora de uma comunidade que venho trabalhando há mais de 20 anos na cidade de João Pessoa, Paraíba, hoje moradora de uma cidade da baixada fluminense, me passa uma mensagem por WhatsApp para me informar da morte do seu companheiro pela ação do coronavírus e da demissão sumária do emprego de atendente de um consultório odontológico em que trabalhava há um ano[10]. Narra a dificuldade em dar entrada nos papéis para receber a pensão do marido aposentado e da situação do seu filho e de

[10] O contado inicial se deu em troca de mensagens, e depois chamada telefônica via WhatsApp, no dia 18/4/2020.

sua neta de cinco anos com suspeita de contaminação.

Em sua conversa relata o medo diário de não saber como lidar com a nova situação. Revela também o sentimento de solidão que "me toma", desde que as pessoas próximas dela passaram a evitá-la e até passar perto da casa onde mora, desde o momento em que a notícia correu pela comunidade sobre a enfermidade do seu companheiro, diagnosticado como contaminado pelo covid-19.

Descreve a dor pelo falecimento do esposo, o velório que não houve e o enterro em que só ela compareceu, já que o filho e a neta estavam doentes com suspeita de terem contraído a virose. Desabafa também, sobre as dificuldades da vida desde que resolveram se mudar de João Pessoa, Paraíba, para o Rio de Janeiro.

Afirma que, até um pouco antes do marido "aparecer doente", tudo ia "nos trinques" e a gente se bastava. Diz que "a gente tinha uma rede de conhecidos por lá" (a comunidade onde reside) que "dava prá nós ir vivendo, quase do jeito lá

de nossa rua, que nós morava lá, e que tu conhece muito bem... [11]".

Com o adoecimento do marido, logo veio a suspeita de contaminação pelo coronavírus, seguida da confirmação da suspeita e, pouco depois sua morte. No mesmo processo se deu o adoecimento do seu filho e de sua neta. Os dois, nesse primeiro contado comigo, se encontram em casa sob suspeita de estarem contaminados pelo coronavírus, mas sem resultados definitivos dos exames[12].

O marido morreu, de acordo com a interlocutora, em casa. Segundo ela, ele foi liberado do hospital por ter "ficado melhor", e sob a alegação de que era melhor prá ele se tratar em casa, pois no hospital podia piorar e voltar a ser contaminado. Logo depois, na mesma semana em que foi liberado, veio a falecer.

---

[11] Refere-se ao bairro popular e a rua onde residia na cidade de João Pessoa, Paraíba. Ver, Koury (2018).

[12] Sou informado por "*zap*" no dia 8/5/2020, pela manhã, do falecimento do filho "no sábado", dia 2/5/2020. No seu relato em dor descreve mais um enterro rápido, sem velório e sem amigos presentes. Informa também que a neta "*parece*" se encontrar melhor e já "*saiu da cama e brinca pela casa...*".

A morte do companheiro e o filho e neta sob suspeita de contraírem o vírus, colocou a sua casa e ela própria sob suspeição da comunidade. Todos passaram a evitar passar por perto de sua residência. De acordo com o seu relato:

> a minha vida desde então desandou... Já não tenho mais ninguém prá conversar... parece que virei uma leprosa, todo mundo corre de mim, me atalha13 prá não ser contaminada. Eu acho, eu virei o vírus mesmo prá essa gente...
>
> Desde que eu fui despedida, eu num arranjo mais emprego... minha vida ficou de cabeça prá baixo... contando assim pra você, dá até vontade de rir, mas só faço chorar...
>
> Como não bastasse tudo isso, a mulher do meu filho abandonou ele e a filha desde que [o marido da interlocutora] ficou doente... e, tudo então só complicou: logo

[13] O termo *atalhar*, tem o sentido êmico de *evitar*.

> depois eles adoeceram também, e eu sozinha a cuidar de tudo, e tenho ainda que cuidar deles dois (do filho e da neta), e de correr a-trás da papelada para dar entrada na pensão (do companheiro)...
> ...e fazer tudo em casa, sozinha...
>
> Eu acho que to endoidecendo, ficando desbirutada com tudo isso! Vez por outra tenho umas ideias na cabeça de desaparecer prá sempre, mas aí tem o menino e a netinha e eu abafo em meu peito essas ideias, e tento fingir que tudo vai se resolver!... Mas o que incomoda mesmo é num ter míngüem pra conversar, pra eu desabafar!...

As emoções ansiedade, medo e tristeza, quase depressão, como bem precisas na narrativa acima, moldam o humor cotidiano, afetam as relações pessoais, e ampliam as crises individuais no enfrentamento do novo momento situacional vivenciado. São emoções que estão presentes também nas conversas que tenho tido com outros diversos interlocutores, homens e mulheres, em con-

versas por meio do WhatsApp (chamado popularmente de *zap*), por e-mail, Messenger ou por celular.

Em todas elas a mudança de humor no decorrer de um dia e no passar dos dias são expressas de forma quase gritante. A disposição flutua e facilmente pode dominar a vontade e provocar sentimentos de tristeza no que concerne ao presente e à falta de esperança e perspectivas quanto ao futuro.

Tristeza sufocada, constrangimento, solidão e nostalgia

Em diversos casos a mim narrados, a vida em quarentena, a ansiedade e o medo pessoal e coletivo são revestidos por uma sensação de tristeza[14]. Tristeza "sufocada", "abafada" para não en-

---

[14] Também tenho recebido demonstrações de tranquilidade frente à nova situação enfrentada com a pandemia e com o isolamento social provocado, como a que recebo de uma ex-aluna, nesse instante em que escrevo. A ex-aluna informa que "aqui em casa tudo tranquilo, adoramos estar juntos, tenho medo é de sair à rua e pegar esse vírus", entre outros próximos. Esta afirmação positiva revela, porém, uma tranquilidade assustada pelo vírus e sua ameaça. A tranquilidade expressa, ao ser lida nas entrelinhas da mensagem é sobressaltada a cada minuto pela dificuldade e falta de controle de saber até onde, mesmo em casa, se está de fato protegido. Consequentemente, o até onde os arranjos domésticos para a desinfecção

vergonhar a si mesmo, e não preocupar ou constranger os outros com que convive.

Essa tristeza contida tem levado muitos interlocutores a narrarem à dor reprimida como insuportável. Em vários casos, beirando à depressão, e à vontade de "desaparecer", ou de "deixar o barco seguir pelas águas que quiser".

O abafar a tristeza amplia a sensação de angústia. "Agonia" associada à culpa de querer escapar da situação em que se encontram subsumidos[15]. A culpa é relatada, maiormente, pelo pensamento de dolo por ter querido deixar de lado os outros relacionais e de ter se obrigado a seguir junto a eles e cuidando deles.

A tristeza contida, contudo, também compromete as redes de apoio com que se sustentavam coletivamente. Revela-se em narrativas que denotam o sentimento de estarem "prisioneiros" em casa.

---

são satisfatórios para a evitação do contágio no plano pessoal e familiar, preenche a tranquilidade de uma fantasmagoria inquietante.

[15] Ver para a questão da sensação de angústia associada ao sentimento de culpa, as reflexões existencialistas de Kierkegaard (2011) e de Sartre (1987; 1960).

Conformam descrições densas, - muitas delas confusas, e outras tantas querendo demonstrar indiferença. Todas, entretanto, situadas no interior de uma visão nostálgica do "fora de casa", da "rua".

A rua ganha nostalgicamente o sentido do "viver" que a casa, no isolamento, parece não permitir. Assim, as falas insistem "na vida lá fora": no poder sair, no poder se divertir, no poder ir ao trabalho ou à escola, entre outros "alvedrios".

A palavra *alvedrios* é sinônima de *liberdade*. O termo foi usado por um interlocutor, em uma conversa informal, através do *Messenger*, no dia 24/4/2020, para contextualizar o sentimento pessoal de reclusão e solidão que ele vem sentido nesses, então, um pouco mais de quarenta dias de isolamento social.

O uso da palavra no contexto da narrativa do interlocutor teve o sentido preciso de uma visão nostálgica: "de quando eu podia ser dono de mim mesmo", ou seja, de administrar de novo a sua vida, de poder caminhar, sair para ir à padaria, ao banco, "... aonde eu quisesse ir...". De um lado, a palavra usada e explicada por ele na conversa

representava dois aspectos significativos de suas sensações nesse "já longo" isolamento.

O primeiro aspecto remete para a ideia de solidão, do não poder sair de casa, do não poder ver a família e os amigos, de não mais ir a praça jogar dominó. Essa ideia de solidão, porém, é moderada por ele, racionalmente, como uma necessidade de não só evitar a doença para si, mas de "ajudar no controle dessa peste que ameaça o mundo".

A solidão assim se torna um termo ambíguo, na sua fala. Apesar de "necessária", cria uma espécie de vazio de ação e uma quebra de perspectivas quanto ao futuro imediato, e o faz seguidamente ter crises de humor, que "me torna impotente" e "sem esperança", o levando a encarar o envelhecimento pessoal, "que antes eu não sentia assim", como um fardo para si, e para o social.

O segundo aspecto já anunciado na última frase acima, fala de uma solidão como dolo. De um lado, concebe este sentimento através de uma crescente e dramática culpabilidade "frente a mim mesmo" por estar vivo, e por querer uma

autonomia que já não possui e que a quarentena demonstra a ele todo “santo dia!”.

O que provoca nele uma tristeza contida e sentimentos nostálgicos de quando era “mais moço” e da *rua*, como representação de liberdade. Liberdade esta, que de forma ambivalente, ele sabe “que é fictícia”, e trazida e ampliada pelo isolamento.

De outro lado, o sentimento de solidão fala também do estigma de ser velho em uma cultura “de juventude eterna”. Relata episódios em que precisou sair de casa para comprar pão e coisas para casa, para ir ao posto tomar a vacina de gripe, ou para resolver problemas específicos, em que a sensação pessoal era de envergonhamento, de estar fazendo “coisa errada”, apesar de “eu estar de máscara, e com um álcool gel no bolso, e de cinco em cinco minutos esfregar em mim”.

Uma sensação de “estar cometendo um crime contra a humanidade, o que me incomoda muito todas às vezes que preciso sair”. Contudo, a sensação de solidão ao ser rompida em sua ida à rua, tornou-se para ele em uma sensação de ser

um sujeito 'perigoso'[16]. Principalmente ao ver as pessoas se afastando dele, o evitando, e, algumas vezes, chegando mesmo a ser agredido verbalmente por indivíduos que também trafegavam na calçada ou estavam nas lojas, no banco, na farmácia e "em todos os cantos, e até menos 'protegidos' que eu". Porém, a seu ver, resguardados na "sua juventude", e no seu horror pela ameaça que "eu representava ali frente a eles, com a minha velhice (...)".

Descreve o uso de frases agressivas e gritos de 'vai prá casa, velho.!', '(...) tá fazendo o que na rua!', 'lugar de velho é em casa, no asilo, ou no cemitério', o fazendo sentir receio de ser agredido fisicamente, e também, provocando horror pessoal

---

[16] Esta situação vivida é estimulada pelo bolsonarismo e corresponde a uma política de controle social da necropolítica (MBEMBE, 2018) que predispõe o olhar da população a uma nova maneira de perceber a existência dos demais indivíduos. A vida desses outros abstratos se configura, assim, para o olhar individuado em um atentado contra a sua própria vida. Esse novo olhar, ou sensibilidade, transforma o outro indivíduo em sujo, abjeto, impuro, poluidor e agente de contaminação (DOUGLAS, 1973), objetificando uma forma de julgamento que induz à discriminação e ao preconceito (KOURY, 2011). Para tal, secciona os outros abstratos cultural, social, econômica e biologicamente e os transforma em perigosos em potencial.

de saber que causava tamanho desprezo em pessoas que nunca tinha visto[17].

Esta mesma sensação de tristeza e "vazio", se estende nos depoimentos em relação à diminuição da frequência do encontro (ou mesmo da completa falta de contatos) com vizinhos e amigos, ou mesmo de colegas de trabalho. O que tem aumentado o sentimento de solidão, a ansiedade individual, associada ao aumento da tensão familiar conforme os depoimentos dos interlocutores, sobretudo das classes médias.

Efusões de raiva e ira

Os interlocutores relatam assim um estranho sentimento de torpor. Sensação associada ao medo de que "isso não acabe nunca!", alimentando a sua tristeza. Muitas vezes também desvenda o aparecimento neles de atitudes e ações re-

---

[17] O interlocutor é aposentado, tem 78 anos e reside na cidade de Fortaleza, Ceará. O interlocutor diz que mora sozinho desde o divórcio com a segunda esposa, "isso tem mais de vinte e tanto anos". Teve com a segunda esposa dois filhos adultos. "Um mora na Bahia, e o outro em Minas Gerais" Relata que "(...) eu sempre eu os via, eles vinham ou eu ia passar um dia ou dois prá vê-los e ver os netos (...) mas, desde então, com o isolamento social, nunca mais os vi e fui aconselhado por eles a não vir até essa coisa toda passar!".

pressivas, como do mesmo modo de efusões agressivas para consigo próprio, e em relação aos outros relacionais ou aos outros abstratos[18].

Episódios de raiva e de ira se tornam corriqueiros nas narrativas. Ampliam destarte a tensão pessoal e familiar, no isolamento[19]. Acontecimentos nessa direção foram vivenciados por muitos que narraram a "roda viva" em que se encontram submetidos e expostos.

Roda viva que expressa um ciclo crescente e contínuo do aumento angustiado do sen-

---

[18] Tais como os idosos, os membros de familiares infectados, as pessoas que retornam de viagens "ao estrangeiro", os estrangeiros no país, as pessoas residentes em áreas de alta incidência e contaminação, além dos nomeados, em muitas narrativas nas conversas informais que tenho tido sobre a pandemia, de "*miseráveis do país*" – os sem-teto, e a pobreza em geral.

[19] A ambivalência dos cuidados pessoais e domésticos muitas vezes tem provocado exclusões sociais, em uma lógica da segregação inconsciente de pessoas consideradas como grupos de risco. Em muitos casos, as evitando e, mesmo, segundo relatos, chegando a atitudes agressivas para com elas. Ambivalência esta, muitas vezes inconsciente, de uma população que pende - insegura e na incerteza, - entre o que é agir certo e o que é agir errado na busca pessoal de garantia de imunizar-se e proteger os seus. Processo que vem aumentado o sofrimento social, e também expandindo o sofrimento individual de promoção da evitação, pelo "remorso e culpa". Processo oscilante, ao mesmo tempo, pela dor pessoal do evitar "como cuidado do outro", quanto pela racionalização de que, "*infelizmente, fiz o que tinha que ser feito*".

timento de culpa. Sentimento que pontua um a-crescer na tristeza, e expande a ansiedade e o medo, causando desesperação. E, igualmente, o receio de até onde é possível o autocontrole, ao lado de um "eu acho que to endoidecendo, ficando desbirutada com tudo isso!".

Este cenário é continuamente forçado pelo quadro político e institucional em que se move o país nesses tempos de Bolsonaro e sua equipe. O ambiente armado pela pandemia e pelo descaso cínico bolsonarista expande nos interlocutores a sensação de insegurança pessoal e coletiva.

Constrangidos e tentando acertar, os interlocutores buscam moldar o seu cotidiano a esta construção insegura, aumentando o seu mal estar. Moldagem intranquila, movida pela incerteza sobre o que é certo e o que é errado, nas tentativas que dizem fazer para se ajustar às regras de controle[20] sobre a pandemia em novas rotinas diárias de e para segurança pessoal e familiar.

---

[20] Ver a interessante discussão trazida por Coelho (2020) em relação às práticas de desinfecção em uma situação de pandemia, como a vivida mundialmente. Conformam assim cenários nos quais informações técnicas de cunho médico-científico, em uma linguagem para leigos são repassadas em profusão pela mídia e redes sociais, muitas às vezes contraditórias, e

A insegurança de como agir "para conseguir escapar do corona com minha família" modifica a relação entre os familiares "trancafiados" em casa. Cria tensão e desgaste, às vezes bate-boca e em alguns relatos agressões físicas.

A situação tensiva provocada no desejo de acertar nos cuidados em relação aos familiares tem origem em coisas simples sobre o como seguir as normas de desinfecção pessoal e doméstica, e da evitação de grupos considerados de risco, "para protegê-los". Entretanto, qualquer lembrança ao outro, ou "chamada de atenção sobre se fez ou não fez isso e aquilo" pode virar uma panela de pressão pronta para explodir.

Todos nervosos, insatisfeitos e ao mesmo tempo buscando se controlar. E nesse ambiente inconstante de sensações, qualquer "olhar enviesado" é motivo de discórdia e brigas.

À inconstância do ambiente doméstico sob a pandemia, acima descrita, pela incerteza de como agir em relação aos cuidados de si e dos familiares, é tumultuada pela comiseração cotidia-

---

como a população que opta seguir às regras de desinfecção se situa nesse emaranhado de notícias.

na de se sentirem "boicotados" e ameaçados em relação à insistência do governo federal de voltar às costas à pandemia, em um momento de crescimento vertiginoso de casos diagnosticados de contaminação e mortes no país[21]. Um governo que "vira as costas", segundo narrativas, indo contrário às recomendações das unidades sanitárias, e forçando a população a romper o isolamento social.

A desordem armada pelo presidente e sua equipe, é lida por muitos depoentes como ameaças veladas ou efetivas para efeito demonstrativo de demissão em massa, ou de retorno imediato às atividades presenciais de trabalho. O que aumenta a insegurança.

---

[21] Com a expansão do processo epidêmico do coronavírus no país, a tragédia da desigualdade social mostra a sua face mais cruel. São os moradores de bairros e comunidades pobres e periféricas do país que despontam entre os mais atingidos e mais desprotegidos. Dependentes de um sistema público de saúde solapado a cada dia por desmandos do governo federal e seus aliados, muitos morrem em casa, sem sequer ter conseguido ver um profissional de saúde, e com o déficit de leitos nos hospitais e clínicas do país. Por sinal, uma petição popular solicitava que os leitos de hospitais privados tivessem alas cedidas para o sistema público de saúde. O governo federal foi contra, e o supremo tribunal federal seguiu a orientação do governo recusando a petição popular. Atos que revelam o descaso com a pobreza no país e, o escancarar cruel da desigualdade, mostrando uma nação dividida entre os que possuem e são cidadãos e os que só têm a força de trabalho, e considerados sub ou não-cidadãos, marginalizados e tratados como descartáveis.

"Sem falar [segundo os interlocutores] no uso de termos como *frouxos*, *covardes*, para chamar gente como nós que se deixa 'trancar em casa', em vez de sair para as ruas". A ameaça velada ao desemprego, com a insinuação presidencial da importância do fim do isolamento social para "garantia de seus empregos" e para "por comida na mesa" da família, assombra o cotidiano dos interlocutores, aumentando a insegurança pessoal e o receio em relação ao comprometimento das condições de vida familiar.

Episódio que ocasionam mais ansiedade e medo do presente instável, e da incerteza do futuro. O que aumenta a impotência sobre como agir, mas também a crises de agressividade e raiva dirigidas a si e aos outros próximos frente à impotência em que se encontram. Principalmente em um ambiente fechado e palco de múltiplas funções para além da ordem domestica, como a casa.

Administração dos conflitos e negociação tensiva

A situação processual sobre a impotência, durante a pandemia, de administração dos

conflitos "em casa", pode ser percebida, por exemplo, através do depoimento de uma professora de ensino médio de uma escola pública na cidade do Recife, Pernambuco[22]. Na descrição desta interlocutora é afirmado inicialmente o sentimento de insegurança sobre se o que vem fazendo em relação aos cuidados junto à família, durante o isolamento social, está correto e é suficiente.

Ela, em suas palavras, afirma que "nunca me sinto protegida, e nunca estou certa de que o que estou fazendo me dará garantias, mesmo que mínimas de proteção pessoal e aos meus". O que aumenta a sua tristeza, e sentimento de frustração e impotência no cotidiano da vida durante a pandemia.

Na sua narração o sentimento de fraqueza e não saber como agir no cotidiano "estressante que vivo no isolamento social", e querer seguir as regras de proteção contra o coronavírus "para mim e minha família, e não saber nunca se estou fazendo o certo", marca em tom aflito a decep-

[22] Depoimento, em 20/8/2020. Interlocutora do sexo feminino, 38 anos, professora, casada, mãe de três filhos adolescentes, residente na cidade do Recife, Pernambuco.

ção e o seu esmorecimento. Para ela, o cotidiano na pandemia é humilhante e dolorido.

A expressão que usa o tempo todo, durante a conversa, é a de *impotência*. Logo seguidos dos termos *imensa tristeza*, *mágoa*, e *sofrimento* psíquico. A narrativa dela é comovente, todavia comum às descrições de muitos outros interlocutores com quem tenho conversado.

Outro aspecto, junto à insegurança do agir em relação aos cuidados, que a interlocutora toca, como ponto de perturbação da ordem doméstica diz respeito à questão do compartilhamento de atividades em sua casa, durante o surdo pandêmico. Em um ambiente de confinamento, no qual todos permanecem o tempo inteiro em casa, além de atropelarem-se continuamente, e da tensão resultante de ter um lugar "só seu", o compartilhar se torna um grande problema.

Compartilhar o espaço já diminuto da casa ou apartamento, compartilhar os utensílios que a casa dispõe como o sofá, a televisão, o computador, a mesa, e também compartilhar o serviço doméstico cotidiano: varrer, lavar, passar, forrar cama, fazer as refeições, botar mesa, tirar

mesa, lavar pratos, entre outros tantos mais, no relato da professora, essa divisão se torna a todo o momento motivo de rusgas e de sofrimento para ela e para todos da casa.

Em suas palavras,

> Eu me sinto enganada, confusa, e numa tensão permanente. Não sei mais o que fazer (...). Eu, marido e três filhos adolescentes trancados em casa o dia todo. Todos se atropelando um no outro (...) além dos trabalhos domésticos (...). É uma luta diária para o compartilhamento de todos (...). Temos apenas um computador para toda a família, o que dificulta o trabalho de todos nós, aumentando a crise doméstica.
>
> Meus filhos e meu marido, pobrezinhos, terminaram se limitando ao uso do celular para as suas atividades, eu fiquei com o computador para as aulas e preparação dos exercícios (...). Mas reclamam, e tendo me organizar para deixar

> prá eles um tempinho para usarem o computador (...).

Para complicar ainda mais, tem o problema dos horários para usos dos instrumentos necessários para realização de atividades, que do trabalho docente, quer das atividades discentes dos filhos. Quase todo tempo os horários se interpõem, criando óbices e atritos. Principalmente com o uso de um só computador para todos. Sem se esquecer de mencionar que o esposo, também em home office, tem os seus usos do computador limitado pelas necessidades dos filhos e esposa. Todos tentam dar um jeito, apelando para o uso online através do celular, mas com dificuldades de acesso a demandas do serviço através do aparelho.

É um processo penoso para todos, é também um processo caro. As despesas do home office são por conta dos trabalhadores (e pais, para o caso das aulas virtuais) e não dos empregadores, ou fornecedores do ensino. Assim, os gastos que se acumulam, como o aumento de consumo de energia diária, de serviços de internet para dar ou assistir aulas, ou desenvolver o trabalho em home office. No mesmo correr que o desgaste físico e

psíquico[23] dos membros da família, conforme seu depoimento:

> Sem falar que as aulas virtuais me tomam um tempo grande e de uma sensação de insatisfação com os resultados, apesar do desgaste físico e emocional do lidar com alunos carentes e sem condições de acompanhar a matéria.
>
> Sem falar mesmo da reação de muitos pais e mães que se sentem invadidas e responsabilizadas pelo pouco êxito dos filhos e culpam a mim (e aos demais professores) de não ensinar e passar para os pais a responsabilidade.
>
> Além, do ambiente familiar tenso: dou aula na sala, em que fica a te-

[23] No caso da professora, ela relata "a verdadeira guerra" dia após dia no exercício profissional online. Descreve casos e casos de pais de alunos que invadem o ambiente virtual para falarem mal do profissional de ensino; de alunos carentes que não têm disponibilidade de ter acesso a internet; da falta de compromisso dos pais; e da baixa de rendimento escolar dos alunos em geral. Fala também do aumento das atividades e das exigências vindas da direção das escolas para professores. O que provoca insônia e "uma dor de cabeça sem fim (...)".

> levisão e onde os filhos e o marido também utilizam. O que cria um ambiente nervoso, de reclamações e, mesmo insultos...

O que a faz se queixar da sobrecarga e de se tornar uma pessoa à beira de um ataque de nervos e depressão. Fato por ela estendido aos filhos e ao marido:

> Estou à beira de um colapso nervoso (...), os filhos e o marido igualmente (...). O que me tem angustiado sobremaneira por não saber contornar (...) me sinto deprimida. Tem dias que não quero levantar, e tenho que fazer (...). Não sei não!

O processo cotidiano de administração dos conflitos e a negociação desgastante entre os membros da família para manter o mínimo de funcionalidade do ambiente doméstico, torna-se, no seu entender, "dramático". Como no relato acima, o sentimento de depressão toma conta da interlocutora, e de todos os membros da família. Já se deparou com um dos filhos chorando em um canto

da cozinha, segundo ela, por ter "sido egoísta" e "brigado com a irmã por ela ter usado o carregador dele para o seu celular, pois o dela tinha se quebrado". Fato que causou "um batimento forte em meu coração (...) pensei no sofrimento dos meus filhos, do meu esposo, do sacrifício de todos, e em mim, que não sabia o que dizer, nem o que fazer prá minorar o sofrimento de todos. Saí correndo prá me esconder e chorar escondido. Uma tristeza sem fim bateu em mim (...)".

Negacionismo

O negacionismo é um elemento sempre presente nos interlocutores que assumem para si e como seus os discursos e falas governamentais e de líderes religiosos em relação à pandemia. Esta afirmação negacionista aparece como forma de indiferença em relação à situação pandêmica, demonstrada na descrença da contaminação e mortes pela covid-19, e um leque enorme de incredulidades. Leque que vai desde as afirmações de desdém em relação às recomendações da OMS sobre o isolamento social, passando pelo descrédito da ciência como saber eficaz, até a insen-

sibilidade, pontuada de desprezo, sobre o outro genérico vulnerável e sobre a dor do outro.

Acoplado a ela, se junta à pressão do mercado para abertura das cidades e circulação do dinheiro. As narrativas negacionistas destes interlocutores produzem assim um outro tipo de circunscrições. São contenções que espelham o discurso oficial; e, igualmente, conduzem a um tipo de atitude e de comportamento que tende a ignorar o risco[24] de enfrentar a pandemia e assim do imperativo de afrouxar o isolamento social.

Estou falando neste momento do homem comum, sem referi-lo à militância nas instâncias bolsonaristas, mas, de certa forma, votantes ou votantes arrependidos de Bolsonaro. No entanto, durante as interlocuções que venho mantendo sobre o cotidiano no decorrer da pandemia, tenho também recebido respostas de interlocutores militantes das hostes direitistas bolsonarista.

---

[24] Para muitos desses interlocutores, "a minha vida e a de todos está nas mãos de deus. Ele dá e tira quando bem quiser. Assim, não tem essa de risco, tem de se crer no destino que ele traçou prá mim e pro mundo. E assim viver para morrer em paz (...)". Nestes interlocutores a ideia de sina, de destino, se confunde com a ideia de divino, daquele que "dá e tira quando bem quiser".

Esses últimos muitas vezes se achegam no sentido de escandalizar e intimidar o ambiente onde se dá a interlocução. As conversas são recheadas de demonstrações de desprezo, espírito de intimidação, fanfarronices irresponsáveis e mesmo ameaças veladas ou diretas. Isto, principalmente, quando a interlocução gira em torno de questões relacionadas ao que é viver sob uma situação limite como a pandemia, e sobre as atuações do governo Bolsonaro em relação ao meio ambiente, à educação, à saúde, a questão do desemprego e o afrouxamento dos códigos dos direitos dos trabalhadores, reforma previdenciária, etc.

Este tipo de interlocutores é de fácil enfurecimento, e de um sentimento de cólera às vezes difícil de administrar. Os mais amenos apelam para a antirreligiosidade que toma conta do país; como a intervenção de um senhor[25] que afirma que o mal do mundo se encontra nos homens, principalmente daqueles sem fé.

A seguir, este senhor continua sua afirmação com um discurso neopentecostal muito pare-

---

[25] Interlocutor do sexo masculino, de 55 anos, neopentecostal, residente na cidade de Goiânia, Goiás.

cido com o de muitos outros interlocutores. Em suas palavras, "ao não ver a força divina de deus, [os descrentes] tentam criar falsidade que perturba o povo inocente, e atrapalha o trabalho de um homem bom como o presidente".

O espelhamento no discurso oficial governista e de líderes religiosos bolsonaristas se reproduz assim nos adeptos do bolsonarismo, sob vários formatos. O primeiro deles tende a *ignorar os riscos pessoais e de transmissão no contato com o outro e nas aglomerações que frequenta*, seja no ruge-ruge da cidade, seja nos momentos de lazer, ida a praias, bares, esquinas, etc..

Este primeiro formato, portanto, busca racionalizar o processo pandêmico e, mesmo admitindo a sua existência, não consegue se colocar como alguém que possa ser vitimado pelo vírus. Para o interlocutor que assume esse espelhamento, os vulneráveis são os outros!

A maior parte dos interlocutores que seguem tal formato de discurso são indivíduos, masculinos e femininos, que conseguem se indignar e ter acessos de ira quando cruzam com uma pessoa idosa sem máscara. Do mesmo modo que se irritam

quando cruzam com tipos específicos isto é, aqueles outros "espécimes marcados para morrer", como disse em tom agressivo, mas acrescido com um "kkkkk", um rapaz de 28 anos, comerciário em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em uma troca de mensagens por WhatsApp.

Em sua fala, este comerciário expressa um sentimento de indignação, que beira a atitudes de irritação e enfurecimento com "essa espécie de gente que devia estar trancada em casa esperando a morte, e não colocando em perigo a vida dos demais que ainda tem muito que viver...". Descreve, porém, que na fase inicial da medida de isolamento social passou "uns dias em casa", mas não conseguiu.

Diz que ficou muito irritado no tempo em "que me demorei trancado". Aponta como motivo dessa irritabilidade a falta dos amigos, a mãe que não para de rezar: "(...) a velha reza o tempo todo, uma coisa prá lá de doida (...)", os sobrinhos a "encher o saco", entre outras situações de agastamento pessoal.

Então, em suas palavras, "não fiquei",

(...) não deu mais e fui prá rua. Saia de casa com uma máscara feita pela mãe, mas só prá não ter briga. Logo mais, eu baixava a máscara até o queixo e seguia meu caminho. Logo, logo estava com os amigos e umas gurias e a festa tinha início (...)

Tô aqui, olha (...) tô vivo e desperto (...). Nenhum dos amigos e das gurias que eu saiba pegou nada! Nisso o Bolsonaro tem razão, (e olha que eu não voto mais nele não (...), só pega essa doença que tem que pegar (...).

Por sinal, meu pai pegou o corona (...) ele já é bem velho, passou dos 60 anos (...). Foi tentar ser internado, mas não tinha lugar e mandaram ele prá casa (...) mas ele saiu dessa, agora está bem, só um pouco debilitado (...) mas não passou prá ninguém!

A minha irmã pegou o marido e os filhos e correu prá casa da sogra (...), foi amolar por lá (...) ainda

> bem. O apartamento é pequeno, mas ficou um pouco mais amplo com a saída deles (...), kkkkk!

Conta que sua mãe,

> com a doença do pai, quase endoidou! (...) se passa o dia a rezar, aí que deu (...) não sai mais do terço, nem do meu pé! (...). O tempo todo dizendo prá me tomar cuidado, prá eu não sair sem máscara, prá eu não ir prá rua (...). Mas aí é que eu vou mesmo prá me livrar da aporrinhação! (...)

Relata o tempo todo o medo de ser despedido e a obrigação de usar máscara no trabalho, e a burla que faz com o uso aspeado da máscara, mas sempre atendo ao olhar do patrão

> depois que o isolamento afrouxou, eu voltei pro trabalho, e a loja só vive cheia (...). Aqui eu tenho que usar a máscara (...) mas, aqui e lá eu e outros caras descemos ela um pouco para respirar, mas sem tirá-la da cara (...), mas só um

> pouco, pois se o patrão pega, é grilo certo (...) e se brincar, bota na rua (...).

Termina seu relato com o ter "fé" em sua sobrevivência, mas se não sobreviver, pelo menos morrer "vivendo". Como em suas palavras, abaixo:

> E aí, meu, to eu na labuta diária de viver (...) e todo inteiro (...). Tenho fé de que vou sair dessa como entrei (mas,) se tiver que morrer que eu morra vivendo (...) na vida (...) e não fechado em casa como sei lá o que! (...).

Uma segunda forma de espelhamento do discurso governamental pode ser traduzida no *sentimento de apatia* presente em diversas narrativas de interlocutores. Este sentimento de apatia se expressa de diversos modos[26]. Um deles é o *comportamento despreocupado* diante da situação crítica por que passa o país no processo pandêmi-

---

[26] Dou aqui, por motivo de espaço, apenas o exemplo de duas formas mais recorrentes do sentimento de apatia que obtive nas conversas que venho mantendo com interlocutores em todo o país sobre as crises política e pandêmica.

co que atravessa e sobre o destino individual e de familiares e amigos.

Outro é a incapacidade para responder a situação limite da pandemia e da crise brasileira em geral. Inabilidade que beira a um relato de *desprezo*, *desinteresse* e *frieza* frente a si mesmo e ao contexto em que vive.

Em certos momentos, aparece também como uma espécie de *comportamento ou atitude depressiva* ou que beira a depressão. Uma narrativa cheia de *desânimo* e *desesperança*: "fazer o que!... não tem o que ser feito... o mal está aqui, é coisa dos homens... agora é aguentar... e se não, seja o que tiver de ser..."[27].

Outras vezes, contudo, o *sentimento de apatia* toma uma figuração *anômica*. Os interlocutores se expressam no interior de um estado permanente de confusão psíquica, que faz o indivíduo agir de forma irritadiça em um momento, e no outro em uma condição de prostração profunda.

---

[27] Desempregada de 31 anos, dois filhos pequenos, sem companheiro, moradora da cidade de Teresina, Piauí.

Este, por exemplo, é o caso da narrativa de um senhor, de 53 anos, dono de uma lanchonete em Vitória, Espírito Santo. Segundo este interlocutor, em conversa via *Messenger*,

> Eu acreditei no presidente que isso aqui, essa pandemia, era de fato uma coisa passageira, como o vírus da gripe que todo final de verão e começo de outono pega a gente desprevenido (...). E que era os contra ele que estavam fazendo alardeado...
>
> Com o isolamento que veio com a pandemia e o número de gente contaminada eu ainda tentei levar o , mas não consegui, houve uma queda grande dos frequentadores e depois a proibição de abri pela prefeitura da cidade. Me juntei a carreatas contra a ordem da prefeitura, e pela volta a normalidade no país (...) fiz de tudo para não falir, mas não deu jeito (...) não tenho mais como abrir a lanchonete! (...)

E, a seguir, a minha mulher pegou a covid, e meu filho mais velho também (...). Ele está recuperado, ela faleceu e foi aquele desespero (...) aquele enterro sem velório, mal pude ver o corpo dela (...)

Daí veio uma confusão na minha cabeça, e uma raiva imensa, acho que veio com a doença e logo após com a dor pela morte da mulher e o aperreio do filho doente (...). Isso me deixou furioso comigo mesmo e com as coisas do Brasil, e por não ter dado ouvidos aos que gritavam que a pandemia do coronavírus era pra valer (...) eu hoje não tenho, mais fé no presidente, mas também não sei o que fazer (...) beiro o desespero (...). Por mim, eu não saia mais da cama (...).

Agora comecei um negocinho de fazer marmita (...) mas eu só (...) tenho ajuda de filha, e agora do filho (...), mas a clientela é pouca (...). Acho que a gente tudo vai ainda sofrer muito, eu sei (...). Mas,

> com licença da palavra, o que eu vejo é que nessa remela toda fui eu que me fudi e fudí minha família (...).

Outro exemplo, de sentimento apático, que busca não se importar, e afirma que "não estou nem aí" para o que acontece em volta, encontra-se presente no relato de um rapaz de 25 anos. Vendedor ambulante, e morador da cidade Belém, Estado do Pará, em interlocução por WhatsApp.

> Olha lá, essa crise que a gente está conversando pegou o Brasil desprevenido. Aqui no Pará, e em Belém onde moro a quantidade de gente doente e de gente morta é imensa (...). Eu mesmo já tive mais de dois parentes que morreram pelo coronavírus e um bando que dão contaminados. Eu mesmo testei positivo, mas ainda não peguei a doença (...). Pois é, pois é, mas fazer o que? Eu deixo tudo nas mãos de Deus (...). E não estou nem aí (...).

> Então levo a vida quase igual a da que eu levava antes dessa pandemia (...) saio pra namorar, pra ver amigos, pra tomar minha caninha, que ninguém é de ferro (...). Trabalho de vendedor ambulante de cd que levo no meu carrinho, uso a máscara de faz de conta, só prá não ter *enchenção de saco* (...)
>
> [pergunto, como é usar a máscara de faz de conta? obtenho como resposta: 'boto na cara, mas a maior parte do tempo ela ta é no pescoço']...
>
> (...) mas, como disse, o negócio agora é com o divino (...) se ele quiser dar a ordem pra eu morrer (...) aí não tem como correr (...) morro (...), mas, enquanto a tal ordem num vem, tô na vida, vivendo (...) e o resto a gente vai levando (...)

De certo modo, essa segunda forma de sentimento de apatia revela a sensação de não saber como

agir ou reagir às situações críticas que presencia na desorganização social e cultural que o país vive hoje.

No geral, as respostas sobre a vida durante a pandemia revelam *atitudes de decepção*, entre os interlocutores, pela perda da mobilidade de saídas para fins de trabalho e lazer. Em sua maioria são respostas de jovens de classes médias que ainda vivem sob a tutela dos pais.

Entre as diversas respostas muitas afirmam que: "... eu estou muito irritado, me sentindo um prisioneiro por não poder sair de casa (...)[28]"; ou, "não posso nem esperar o dia que eu possa sair de casa (...) como sempre fiz desde a minha adolescência... estou me sentindo uma encarcerada (...) e o dia todo é de briga com meu irmão, com minha mãe, com meu pai (...)[29]". Outras narrativas descrevem o aborrecimento do cotidiano de tensão em sua casa, tendo que sair "batendo a porta", por que não há diálogo com os velhos (os pais):

---

[28] Rapaz de 18 anos, estudante, morador de Maceió, Alagoas.

[29] Moça de 17 anos, estudante, residente em Natal, Rio Grande do Norte.

> eu to muito, mas muito mesmo irritado porque não posso aproveitar a minha vida (...) se eu saio, todo mundo dá em cima de mim (...) mas eu tenho que viver (...) a vida é curta, tenho que aproveitar (...) se eu tiver de morrer (...) até em casa eu morro (...) todo encarcerado, todo protegido entre aspas (...) então, prá que essa tolice toda (...) a gente tem é que viver o momento, o dia seguinte ninguém sabe (...) mas vai dizer isso lá em casa (...). Sei que já não aguento mais (...)[30].

Outras respostas situam o mal-estar cotidiano do isolamento dentro de um contexto associado à quebra da normalidade normativa que estavam acostumados. Homens e mulheres falam do sentimento de angústia pessoal e familiar indicando a desorganização das finanças domésticas por demissão, por ter que fechar o seu pequeno ou médio comércio, ou por serem vendedores autô-

[30] Rapaz, de 19 anos, estudante universitário, residente na cidade de Recife, Pernambuco.

nomos e às vendas pararem ou não funcionarem plenamente na situação de trabalho em casa.

Outros/as falam do cansaço do trabalho em casa, associado às diversas outras atividades dentro do lar. De se sentirem o tempo todo cobrados/as para atividades e consultas, e apartar brigas etc. dentro de casa, além das atividades "*home office*" demandar horários bem mais extensos do que quando realizavam atividades presenciais ou nas visitas em casas ou empresas[31].

A desorganização da vida cotidiana permite um reforçar da posição individualista, ao lado de incursões pela anomia ou pela aceitabili-

---

[31] A categoria de professor, ensino básico ao universitário, principalmente, se queixam da extensão de horas e do ritmo trabalhados em *home office*. Queixam-se, também, da dificuldade de atendimento aos alunos, quer pela deficiência dos seus equipamentos, quer pela deficiência ou inexistência de equipamentos nos alunos. Além de serem 'vítimas' de interferência 'abusadas' de país, que não querem 'ajudar os seus filhos' nas tarefas e assistências das aulas à distância. Outra queixa é a do novo caráter das empresas de ensino privadas de demissão em massa de professores por um aviso on-line durante a própria jornada de trabalho. O que tem causado estresse e angústia entre os profissionais. Outra categoria que se queixa muito do trabalho em casa é a de 'call-centers', alegando a extensão do horário trabalhado e a intromissão entre trabalho e afazeres domésticos cotidianos, ao lado da ameaça permanente de perda do emprego que, em circunstâncias normais já tem uma característica de grande rotatividade.

dade da pandemia como inevitáveis, realçando a desesperança, o receio e o medo. A desordem do cotidiano tem um grande leque de inquietações descritas pelos interlocutores. Leque que se abre e revela abalos pessoais e familiares, quando não coletivos sobre ocorrências de contaminação e/ou morte de parentes e vizinhos pelo coronavírus, e angústia pela extensão acelerada do número de vítimas no país.

Desvenda também aspectos relacionados a desorganização da economia doméstica, em que se fala sobre a diminuição das finanças e da ameaça permanente do desemprego. As narrativas revelam igualmente, o assombro aflito sobre o aumento dos produtos da cesta básica que afeta a já minguada cesta das camadas mais pobres.

Um dos elementos mais flébil em interlocutores das classes médias é relatado quando a conversa toca na situação do ensino e no processo de formação dos filhos. Nesse aspecto são elencados vários temores que "agitam minhas noites insones". Neste rol situam-se as preocupações com o ensino cada vez mais precarizado; e o receio do

retorno às aulas presenciais e o que pode acontecer com seus filhos.

Do mesmo modo, a ansiedade se manifesta de uma forma sofrida sobre a incerteza do amanhã. Esse sentimento de incerteza afeta os jovens e os adultos. E em muitas dessas narrações se fala da idéia de suicídio, ou do "medo de não aguentar, e se perder para sempre nas águas do oceano"[32].

As consternações discorrem e desvelam uma infinidade de problemas que provocam sentimentos de impotência, receio, medo, insônia e uma imensa tristeza. Entre outras ansiedades, as que mais se reproduzem nas interlocuções dizem respeito ao meio ambiente e a saúde pública e pessoal. Revelam o amedrontamento sobre a liberação de "índices alarmantes de venenos nas plantações", e sobre "as consequências para a saúde pessoal e pública nacional", e perpassam preocupações sobre "as intensas queimadas que tomam conta do país".

[32] Palavras de uma garota de 23 anos, estudante de arquitetura, residente na casa dos pais na cidade do Rio de Janeiro.

A tristeza contada se situa ainda nos relatos de pavor sobre as mudanças nos rituais da morte nesse tempo de pandemia. Mas, principalmente, sobre o medo de precisar ser hospitalizado e não ter leito disponível.

Do mesmo modo que avigora sentimentos de fatalidade e de conformidade, como reveladas pelos interlocutores em respostas do tipo "é assim mesmo, fazer o que?", como a emitida por uma senhora de 40 anos, cabeleireira, que teve que fechar o seu salão e hoje vive de fazer bicos aqui e ali quando é chamada, residente em Jaboatão, município do Grande Recife, Pernambuco. Ou, de que "não adianta lutar, pois a questão da desigualdade é natural, e os mais fracos sempre terminam levando naquele lugar [...]", como me narrou um senhor de 48 anos, zelador de um edifício na cidade de Aracajú, Sergipe, falando da incerteza cotidiana que vive com a sua família, e da diminuição da renda familiar com a demissão de dois filhos, de 19 e 21 anos, de uma empreiteira, e de um supermercado onde trabalhavam.

Sennett (1999, p. 107) chama esse processo de *trauma paralisante*, e o define como "a

sensação de 'nunca chegar à parte alguma', 'sempre na casa um', diante de um [fato] aparentemente sem sentido, ou da impossibilidade de recompensa por um esforço. Informa que nessa situação traumática "o tempo parece parar; [o indivíduo] nesse [estado emocional] torna-se prisioneiro do presente, e fixado nos dilemas do presente" (*idem*), como uma espécie de fatalidade, a que se encontra sujeito, e sem saída.

A disforia, como uma mudança repentina do estado de ânimo, é caracterizada por uma situação onde a ansiedade, a tristeza, a inquietude, a angústia e a depressão tomam conta do indivíduo ou de uma coletividade que experimenta um ambiente social desregrado, ou em processo de fragmentação acelerada. O que afeta a vida ordinária, e abala, de um lado, a expressão cotidiana comum dos sentimentos, em relação a um si mesmo e aos outros próximos ou abstratos de sua comunidade, ou de sua sociedade.

De outro lado, contudo, agita igualmente a cultura emotiva (KOURY, 2017b) que vincula o indivíduo aos demais comunitários ou societários, fragmentando as referências que o tornavam pes-

soa junto aos outros sociais. Causa assim estranhamento em relação a si próprio e aos demais, a partir da não compreensão das mudanças que estão a ocorrer ou que aponta para a desordem nos hábitos e códigos de conduta a que estava acostumado. O que causa óbices no comportar cotidiano de trocas simbólicas que norteavam até pouco tempo atrás o agir e pensar habitual individual e social.

Notas finais

Este livro refletiu sobre o momento atual que vivemos no mundo e, particularmente, no Brasil: a relação entre vida urbana, formas de sociabilidade e as emoções. Parte do princípio teórico e metodológico simmeliano de que o social se forma a partir da vontade de ir ao outro e do resultado desse encontro; de um momento que Simmel chama de socialidade. Um encontro fugaz, motivado pelo interesse em descobrir o desconhecido, ou por alguma necessidade, ou mesmo por acaso.

Discutiu sobre a emergência da extrema direita no poder, emoldurando a crise pandêmica do coronavírus no país. Por fim analisou a quebra da negociação e fragmentação da cultura emotiva no Brasil após chegada de Bolsonaro à presidência, e o cotidiano de incertezas, desamparo,

medos e desilusões do brasileiro comum frente à situação limite da pandemia e a insensibilidade do governo frente ao seu desenvolvimento e o número de mortes e contaminados no país

A análise nele realizada focou sobre a relação entre vida ordinária, formas de sociabilidade e as emoções no momento atual brasileiro. Fez uma apreciação sobre a desorganização da vida cotidiana que tem levado o brasileiro comum a reforçar uma posição individualista, ao lado de incursões pela anomia ou pela aceitabilidade da pandemia como inevitáveis, realçando a desesperança, o receio e o medo.

O processo de individualização no Brasil vem se conformando e consolidando desde os anos setenta. Na sua conformação vem e tem desmontado todo um conjunto de hábitos e código de etiquetas que norteavam a cultura emotiva do brasileiro comum, e orientava tensamente o seu modo de vida.

Este processo se acelera no governo Bolsonaro e molda uma nova cultura emotiva com base no estranhamento, desconforto pessoal e constrangimento. As queixas crescentes relativas

ao estresse da vida cotidiana, bem como o aumento dos estados depressivos e insatisfação individuais, estão associadas a um estado de torpor e de não saber como agir diante das crises pessoais.

Os relatos de interlocutores são narrações angustiadas sobre como abafar esses estados de insatisfação e dor, e disfarçá-los junto aos seus para não perturbar o já tenso ambiente doméstico durante a pandemia e o isolamento social que os retêm em um mesmo ambiente, a casa. São narrativas, também do seu contrário.

Descrições densas sobre não ter podido "segurar" para si esses sentimentos intranquilos em situações banais, mas que se revelaram como "a gota de água" na insuportabilidade vivida. Assim, ao expor suas dores e queixas cria um "alvoroço", ou escandaliza sentimentos agressivos perante si mesmo ou em relação aos outros próximos.

Fato revelado em muitos depoimentos, os autores de sofrimento e aumento da culpabilidade pessoal após o "desabafo". No mesmo passo que cria um ambiente coletivo de "culpados", em todos os que se encontram ao seu redor, ou mesmo provocando relações conflituais que podem partir

para agressões verbais e físicas entre os membros em convívio.

O não saber como se comportar no novo contexto experimentado na situação limite de uma crise sanitária e uma crise política, a decepção e engodo trazido à tona com a emergência de Bolsonaro ao poder geram anseios nos interlocutores. Ansiedades que vêm causando, ao lado da arrogância de uns e da apatia de outros, um aumento da sensação de insegurança dos brasileiros em relação a si mesmos e ao futuro próximo.

Este sentimento ansioso compõe um tipo de trauma paralisante (SENNETT, 1999, p. 107) que pode ser facilmente denotado nas atitudes e descrições do cotidiano vivido por muitos interlocutores durante o longo isolamento social pela pandemia do coronavírus. Impressão ansiosa que conduz a um prolongamento do sentimento de desconforto nos indivíduos e grupos na trama e no drama social vivido, ao lado de um sentimento de *sem saída*.

Este não saber se comportar frente às situações experimentadas durante o isolamento e a crise política, ao lado de receios e ansiedades, tem

também feito crescer o estranhamento social e, igualmente, tem induzido os indivíduos a adotarem uma medida de distância aos demais. Fato presente em várias narrativas de interlocutores em relação aos relacionamentos obrigatórios da vida cotidiana, e uma individuação negativa geradora de uma "espécie de cada um por si". Além de desconforto emotivo e moral, como informou um interlocutor de 35 anos[1], falando do "pânico" que sente ao "me saber só no mundo, sem poder contar com mais ninguém: eu e eu".

A modernidade da individualidade individuada do indivíduo frente ao social enfatiza assim as marcas da instabilidade e do não saber situar-se em relação às mudanças aceleradas nas regras do jogo social no desmoronamento moral e ético do governo Bolsonaro no país. Fato que vem ampliando, de um lado, a insegurança do agir, e do outro, o sentimento de impotência pessoal no relacionamento com os outros.

Da mesma forma que em relação à sensação de que as regras que conduziam sua vida

[1] Sexo masculino, carteiro, residente na cidade do Recife, Pernambuco.

como pessoa parece não mais servir como guia para o presente. O que vem causando ao mesmo tempo envergonhamento e indiferença.

Sentimentos contraditórios geradores de estados ambíguos que tanto pode levar os indivíduos a um conformismo, - ou a um inconformismo sem causa, - quanto a um aumento do sofrimento psíquico e da solidão como dores sociais. Os estados ambíguos, o não saber como situar-se na situação enfrentada, podem levar à disforia.

Disforia é um processo mental que toma a forma de um sofrimento psíquico. O viver em estado de disforia produz uma sensação de desfalecimento moral e de desintegração de si próprio. Podendo, de um lado, expandir-se ao ponto do indivíduo, homem ou mulher, não mais chegar a se sentir pessoa.

Quanto, de outro lado, pode chegar a se transformar em uma dor moral. Dor moral produzida pelo sofrimento social de inadequação de si ou dos outros, ou de ambos em relação ao social e à sociabilidade de que faz parte. A disforia, nesse segundo aspecto, é experimentada através de uma sensação de ruptura com o vínculo societário

relacional. Este último revelado como um processo em que o distanciamento e o estranhamento do outro é aceito de forma assombrada, como esvaziamento e perda de sentido de si mesmo.

A disforia, assim, tem tomado conta do brasileiro comum no Brasil de hoje, na sua vivencia das crises política e a sanitária. Esse estado de disforia, - como emitido nas diversas narrativas de interlocutores ao longo do artigo, - tem afetado o seu dia a dia, e tem servido para fragmentar as referências que permitiam ou lhes davam segurança, e, ao mesmo tempo, os tornava pessoa junto aos outros sociais.

Fato que tem causado estranhamentos e desordem nos hábitos e códigos de conduta a que estava acostumado. O que também vem acometendo agruras no comportamento ordinário pessoal e relacional, causando óbices e fraturas difíceis de entender e contornar no jogo de trocas simbólicas que norteavam o seu agir e pensar habitual.

O livro chega ao seu final com um cantarolar tenso de um interlocutor[2] de um trecho da le-

[2] Interlocução via WhatsApp em 3/2/2021. Professor universitário, casado, 51 anos, 2 filhos, residente na cidade de Niterói, estado do Rio de Janeiro.

tra da canção intitulada *Preciso me encontrar,* do compositor Candeia. Canta o fragmento, revelando a poesia, ao lado da nostalgia do desencontro, e do lamento à procura de si e do outro agora distante e objeto moral de perigo.

Solfeja como bom carioca, ao som de um batuque em uma caixinha de fósforo, contudo sem a cerveja e o boteco:

> Ah! Deixe-me ir, preciso andar, / vou por aí / a procurar / rir prá não chorar! (...).

Referências

ALVES, Renato. 2020. Questões da ultradireita - No forrobodó do balacobaco: as muitas vidas de Sara Winter, a extremista de ideias zigodátilas. **Revista Piauí**, edição 167. https://piaui.folha.uol.com.br/materia/no-forrobodo-do-balacobaco/, acesso 30/8/2020.

APPADURAI, Arjun, (ed.). 1986. **The Social Life of Things**: Commodities in Cultural Perspective. Cambridge; Cambridge University Press.

ARENDT, Hannah, 1993. **A dignidade da política**: ensaios e conferências. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

ARENDT, Hannah. 1972. **Entre o passado e o futuro**. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva.

ARENDT, Hannah. 1987. **Homens em tempos sombrios.** São Paulo: Companhia das Letras.

BARROCAL, André. 2020. Contra coronavírus e pibinho, Guedes insiste em tomar dinheiro de servidores. **Carta Capital.** https://www.cartacapital.com.br/economia/contra-

coronavirus-e-pibinho-guedes-insiste-em-tomar-dinheiro-de-servidores/, acesso 13/3/2020.

BATESON, Gregory. 2018. **Naven**: um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas. São Paulo: Edusp.

BATISTA DE SOUZA, Carolina. 2013. **Processos descivilizadores**: Norbert Elias e o problema da violência no mundo civilizado. Dissertação (Mestrado em Sociologia), João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba.

BECKER, Howard S. 2008. **Outsiders**. Estudos de sociologia do desvio, Rio de Janeiro: Zahar.

BENITES, Afonso, 2020. Brasil adoece enquanto Bolsonaro releva a pandemia e se mantém em eterno palanque eleitoral. **El País**. https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-08/brasil-adoece-enquanto-bolsonaro-releva-a-pandemia-e-se-mantem-em-eterno-palanque-eleitoral.html, acesso 8/8/2020.

BENJAMIN, Walter, 2018. **O anjo da história**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica.

BLUM, Eliane, 2020. O "gado humano" que Bolsonaro leva ao matadouro. **El país.** https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-19/o-gado-humano-que-bolsonaro-leva-ao-matadouro.html, acesso 19/8/2020.

BOUDON, Raymond. 1989. **A ideologia**, ou a origem das ideias recebidas. São Paulo: Ática.

BOURDIEU, Pierre. 2012. **Sur l'État**. Cours au Collège de France, 1989-1992, Paris: Le Seuil / Raisons d'agir.

BOURDIEU, Pierre; PASSERRON, Jean-Claude. 1992. **A Reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

BRASIL247, 2020. Polícia prende bolsonarista que atirou fogos em direção ao STF. **Brasil 247**. https://www.brasil247.com/regionais/brasilia/policia-prende-bolsonarista-que-atirou-fogos-em-direcao-ao-stf, acesso 15/6/2020.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. 1991. Direitos humanos ou 'privilégios de bandidos? Desventuras da democratização brasileira. **Novos estudos**, n. 30, pp. 162-174.

COELHO, Maria Claudia. 2020. Porcos-espinhos na pandemia ou a angústia do contágio. **Dilemas**: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, - série especial "Reflexões na Pandemia", pp. 1-10.

CORREIO BRAZILIENSE, 2020. Bolsonarista preso é o mesmo que hostilizou enfermeiros em protesto no DF. **Correio Braziliense**. https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2020/06/15/interna_cidadesdf,863823/bolsonarista-preso-e-o-mesmo-que-hostilizou-enfermeiros-em-protesto-no.shtml, acesso 15/6/2020.

DAS, Veena. 2020, Facing Covid-19: My Land of Neither Hope nor Despair. In: DAS, Veena; KHAN, Naveeda, eds., **American Ethnologist website**. https://americanethnologist.org/features/collections/covi

d-19-and-student-focusedconcerns-threats-and-possibilities/facing-covid-19-my-land-of-neither-hope-nor-despair, acesso 2/5/2020.

DAVIS, Mike et al. 2020. **Coronavírus e a luta de classes**. São Paulo: Editora Sem Amos.

DE L'ESTOILE, Benoît; NEIBURG. Federico; SIGAUD, Lygia, (orgs.). 2002. **Antropologia, impérios e estados nacionais.** Rio de Janeiro: Relume Dumará / Faperj.

DIAS, Bruno C. 2020, Pandemia da Covid-19 e um Brasil de desigualdades: populações vulneráveis e o risco de um genocídio relacionado à idade. **Abrasco.** https://www.abrasco.org.br/site/gtenvelhecimentoesaudecoletiva/2020/03/31/pandemia-do-covid-19-e-um-brasil-de-desigualdades-populacoes-vulneraveis-e-o-risco-de-um-genocidio-relacionado-a-idade/, acesso 31/3/2020.

DOMINGUEZ, Virginia R. 2012. Mutuality, responsibility, and reciprocity in situations of marked inequality: dilemmas of, and concerning, US anthropology in the world. **Focaal** – Journal of Global and Historical Anthropology: n. 63, pp. 51–61. Doi: https://doi.org/10.3167/fcl.2012.630105.

DOUGLAS, Mary. 1973. Pureza y periglo: un análisis de los conceptos de contaminación y tabú. Madrid: Siglo XXI.

DOUGLAS, Mary; WILDAVSKY, Aaron. 2012. **Risco e cultura**. Um ensaio sobre a seleção de riscos tecnológicos e ambientais. Rio de Janeiro: Elsevier.

DURKHEIM, Émile. 1898. L'individualisme et les intellectuels. **Revue bleue**, 4e a., t. X, pp. 7-13.

DURKHEIM, Émile. 1967. **De la división del trabajo social.** Buenos Aires: Schapire Editor SRL.

DURKHEIM, Émile. 2008. **A educação moral**. Petrópolis: Vozes.

EL PAÍS, 2020. Sara Winter e militantes de acampamento bolsonarista são presos em investigação sobre atos contra a democracia. **El país.** https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-15/sara-winter-e-militantes-de-acampamento-bolsonarista-sao-presos-em-investigacao-sobre-atos-contra-a-democracia.html, acesso 15/6/2020.

ELIAS, Norbert. 1994. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

FARIA, Flávia et al. 2021. Mortes por covid-19 explodem em 50 grandes cidades do país. **Folha de São Paulo**, 13/3. https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/mortes-por-covid-19-explodem-em-50-grandes-cidades-do-pais.shtml, acesso 15/3/2021.

FONSECA, Ana Maria Medeiros da; ROQUETE, Claudio, 2018. Proteção social e programas de transferência de renda: Bolsa-Família. **Caderno de Pesquisa NEPP**, n. 86, pp. 9-31.

FROMM, Erich, 1944. Individual and Social Origins of Neurosis. **American Sociological Review**, v. 9, n. 4, pp. 380-384.

GEERTZ, Clifford, 1978. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar.

GEOFF, Nicholas B; DIRKS, Eley: ORTNER, Sherry B (eds.). 1994. **Culture / power / history**: A Reader in Contemporary Social Theory. New Jersey: Princeton University Press.

GOFFMAN, Erving. 1952. On cooling the mark out: some aspects of adaptation to failure. **Psychiatry:** Journal of the study of interpersonal relations, v. 15, n. 4, pp. 451-463, 1952.

GOFFMAN, Erving. 1963. **Stigma**: notes on the management of spoiled identity. Prentice-Hall: Englewood Cliffs.

GOFFMAN, Erving. 1988. **Estigma**, notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOFFMAN, Erving. 2012. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Vozes.

GOFFMAN, Erving. 2014. Sobre o resfriamento do *marca*: alguns aspectos da adaptação ao fracasso. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 13, n. 39, pp. 266-283.

GOLDANI, Ana Maria. 1994. As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas. **Cadernos de Pesquisa**, n. 91, pp. 7-22.

GRAEBER, David. 2018. **Bullshit Jobs**: a Theory. London: Allen Lane Publisher.

GROSSI, Miriam Pillar; TONIOL, Rodrigo, Orgs. 2020. **Cientistas sociais e o Coronavírus**. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha.

ISTO É, 2020. MG: Mulher que divulgou vídeo fake de caixões com pedras é indiciada. **Isto é.** https://istoe.com.br/mg-mulher-que-divulgou-video-fake-de-caixoes-com-pedras-e-indiciada/, acesso 24/8/2020.

JOAS, Hans. 2012. **A sacralidade da pessoa**. Nova genealogia dos direitos humanos. São Paulo: Unesp.

JUCÁ, Beatriz; GALINDO, Jorge, 2020. 100.000 vidas roubadas pela covid-19, um retrato da pandemia no Brasil à prova de negacionistas. **El País.** https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-08/100000-vidas-roubadas-pela-covid-19-um-retrato-da-pandemia-no-brasil-a-prova-de-negacionistas.html?rel=mas, acesso 8/8/2020.

KAFRUNI, Simone, 2020. Salles diz que quer aproveitar a pandemia para "passar a boiada". **Correio Braziliense.** https://blogs.correiobraziliense.com.br/4elementos/2020/05/22/salles-diz-que-quer-aproveitar-a-pandemia-para-passar-a-boiada/, acesso 22/5/2020.

KEMPER, Theodore D. (1978). **A Social Interactional Theory of Emotions**. New York: Wiley & Sons.

KIERKEGAARD, Søren A. 2011. **O conceito de angústia**. Petrópolis: Vozes.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro, 1996a. Cultura e subjetividade: questões sobre a relação luto e sociedade (pp. 29-47). In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; LIMA, Jacob Carlos; RIFIÓTIS, Theophilos (orgs.). **Cultura & Subjetividade**. João Pessoa: Edufpb.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro, 1996b. **A Formação do homem melancólico**. Cadernos de Ciências Sociais, n. 38.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro, 1998. "Fotografia e a questão da indiferença" (pp. 67-85). In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro, (org.). **Imagens & Ciências Sociais**. João Pessoa: Edufpb.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2001. Enraizamento, pertença e ação social. **Revista Cronos**. Natal, v. 2, n. 1, pp. 131-137.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro, 2003. **Sociologia da emoção**. O Brasil urbano sob a ótica do luto. Petrópolis: Vozes.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2004. Fotografia e interdito. **Revista Brasileira de Ciências. Sociais**, v.19, n.54, pp.129-141.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro, 2010. Estilos de vida e individualidade. **Horizontes Antropológicos**, v. 16, n. 33, pp. 41-53. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832010000100004.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2011. Regras e códigos de conduta moral e ética: um passeio pelo imaginário

urbano e pelas vivências, reflexões e comparações sobre a noção de sujo de homens comuns de classe média no Brasil urbano do século XXI (pp. 51- 80). In: FERREIRA, Jonatas; SCRIBANO, Adrian (orgs.). **Corpos em concertos**: diferenças, desigualdades e disconformidades. Recife: Edufpe.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro, 2014a. **Estilos de vida e individualidade**. Escritos em Antropologia e Sociologia das Emoções. Curitiba: Appris.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2014b. Talcott Parsons e a teoria geral da ação. **Rbse – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v.13, n.38, pp. 140-150.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro, 2017a. Homens comuns pobres na cidade da Parahyba, 1889-1920 (pp. 31-68). In: **Etnografias urbanas sobre pertença e medos na cidade**. (Coleção Cadernos do Grem, n. 11). João Pessoa: Grem; Recife: Bagaço.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro, 2017b. O lugar como pertença, (pp. 13-30). In: **Etnografias urbanas sobre pertença e medos na cidade**. (Coleção Cadernos do Grem, n. 11). João Pessoa: Grem; Recife: Bagaço.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2018. **Uma comunidade de afetos.** Etnografia sobre uma rua de um bairro popular na perspectiva da antropologia das emoções. Curitiba: Appris.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2019. Sobre Erving Goffman e a análise do fracasso em *The Presentation of Self*

in Everyday Life. **Dilemas** - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 12, n. 3, pp. 525-540.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro, (org.). 2020a. **Tempos de Pandemia**: reflexões sobre o caso Brasil. João Pessoa: Editora Grem-Grei / Florianópolis: Tribo da Ilha.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2020b. **Sofrimento social, sociabilidades e emoções em situações críticas: o caso da crise epidêmica do covid-19 no Brasil,** Projeto de Pesquisa. João Pessoa/Recife. Grem-Grei / Ppga/Ufpb.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2020c. A amizade diferenciada como cultura emotiva e código moral (pp. 13-42). In: **Estilos de vida e individualidade**: escritos em antropologia e sociologia das emoções. 2ª edição, Curitiba: Appris.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2020d. A amizade nas sociedades complexas e suas vulnerabilidades (pp. 43-66). In: **Estilos de vida e individualidade**: escritos em antropologia e sociologia das emoções. 2ª edição, Curitiba: Appris.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro Koury, (coord.). (2020e). Pensando a Pandemia à luz da Antropologia e da Sociologia das Emoções. **Rbse – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção,** v. 19, n. 55 (suplemento Especial), pp. 9-215.

LORCA, Frederico García. 2018 [1936]. **Diván del Tamarit.** Madrid: Editora Createspace.

MANSO, Bruno Paes. 2020. **A república dos milicianos.** Dos esquadrões da morte à era Bolsonaro. São Paulo: Todavia.

MARTINS, Mônica Dias. 2020. A pandemia expõe de forma escancarada a desigualdade social. **Observatorio Social del Coronavírus.** Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (Clacso.org). https://www.clacso.org/a-pandemia-expoe-de-forma-escancarada-a-desigualdade-social/, acesso 6/5/2020.

MARX, Karl, 1959. **Capital:** a critique of political economy. 3 vols. Moscow: Progress Publishers.

MARX, Karl, 2007. **Economic and Philosophic Manuscripts of 1844**. Mineola, NY: Dover Publications.

MBEMBE, Achille. 2018. **Necropolítica**. 3ª edição. São Paulo: n-1 edições.

MEAD, George Herbert. 1934. **Mind, Self and Society**. Chicago: The University of Chicago Press.

MF Press Global. 2020. Pastor Antonio Junior fala sobre o poder da fé em tempos de pandemia do coronavírus. **Estado de Minas.** https://www.em.com.br/app/noticia/economia/mf-press/2020/03/13/mf_press_economia_economia,1128472/pastor-antonio-junior-fala-sobre-o-poder-da-fe-em-tempos-de-pandemia-d.shtml, acesso 13/3/2020.

MILITÃO, Eduardo. 2021. Imprensa criou pânico sobre covid, diz Bolsonaro enquanto mortes sobrem 11%. **Uol**, 3/3. https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-

noticias/2021/03/03/bolsonaro-volta-a-criticar-imprensa-e-preve-pronunciamento-sobre-pandemia.htm, acesso 3/3/2021.

MOGUILLANSKY, Carlos. 2010. **Decir lo imposible**. La función de la silueta en la elaboración simbólica de la catástrofe. Buenos Aires: Teseo.

MOGUILLANSKY, Marina; KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro, (coords). 2021. Dossiê: "Vida Cotidiana, emoções e situações limites: viver em um contexto pandêmico". **Rbse – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 20, n. 58, pp. 7-163.

MURRAY, Henry A.; KLUCKHOHN, Clyde. 1965. Esboço de uma concepção de personalidade (pp. 25-88). In: KLUCKHOHN, Clyde; MURRAY, Henry A.; SCHNEIDER, David M. (orgs.). **Personalidade na natureza, na sociedade e na cultura**, vol. 1, Belo Horizonte: Itatiaia.

NICODELIS, Miguel. 2021. A população precisa acordar para a dimensão da nossa tragédia. **Notícias Uol**. https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/02/26/nicolelis-populacao-precisa-acordar-para-a-dimensao-da-nossa-tragedia.htm?utm_source=facebook&utm_medium=social-media&utm_campaign=noticias&utm_content=geral&fbclid=IwAR3Ow27L82YTD2OB7efiFK6fZKjf5djlZWeo4sBrc5g6Ubkw5nOsJXOY8Q8, acesso 26/2/2021.

PARSONS, Talcott. 1954. Psychology and Sociology, (pp. 67-74). In: GILLIN, John (ed.). **For a science of social man**. New York: The Macmillan Co.

PATERNIANI, Stella; CARVALHO, Lauro. 2020. Periferias e pandemia: desigualdades, resistências e solidariedade. **Brasil de Fato**. https://www.brasildefato.com.br/2020/07/02/periferias-e-pandemia-desigualdades-resistencias-e-solidariedade, acesso 2/7/2020.

FIOCRUZ. 2020. Desigualdade social e econômica em tempos de Covid-19. https://portal.fiocruz.br/noticia/desigualdade-social-e-economica-em-tempos-de-covid-19, acesso 13/5/2020.

FIOCRUZ. 2021**. Boletim Observatório Covid-19**, edição extraordinária, 16 de março. O maior colapso sanitário e hospitalar da história do Brasil. https://agencia.fiocruz.br/sites/agencia.fiocruz.br/files/u34/boletim_extraordinario_2021-marco-16-red-red-red.pdf?utm_source=Facebook&utm_medium=Fiocruz&utm_campaign=campaign&utm_term=term&utm_content=content&fbclid=IwAR04QgJN8XKt_nWGnAgddZsZomEZE4hHseZZszYy1ZJmm67iz0neo8zB6-g, acesso 16/3/2021

PRATA, Marinina Gruska Benevides. 2002. **Liberdade é Escravidão**: uma visão orwelliana das histórias e das memórias do processo de transformação institucional do Banco do Brasil (1984-2000). Tese (Doutorado em Sociologia), Fortaleza: Universidade Federal do Ceará.

RBA. 2020. Em ruínas: Bolsonaro aposta na 'velha política' e nos militares para se salvar do impeachment. **Rede Brasil Atual.**

https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2020/04/bolsonaro-aposta-na-velhapolitica-e-nos-militares-para-se-salvar-do-impeachment/, acesso 12/4/20.

REGT, Ali de. 2017. Ofensiva civilizadora: do conceito sociológico ao apelo moral. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 16, n. 47, p. 137-153.

REZENDE, Constança. 2020. Sara Winter disse ter nível superior ao governo sem ter concluído. **Notícias Uol.** https://noticias.uol.com.br/colunas/constanca-rezende/2020/06/16/sara-winter-disse-ter-nivel-superior-ao-governo-sem-ter-concluido.htm, acesso 16/6/2020.

ROSSI, Marina. 2020. Menina estuprada sofreu acosso de ultraconservadores até dentro de hospital. **El país.** https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-18/menina-estuprada-sofreu-acosso-de-ultraconservadores-ate-dentro-de-hospital.html, acesso 8/8/2020.

SAHLINS, Marshall. 1997a. O Pessimismo Sentimental e a Experiência Etnográfica parte I. **Mana**, v. 3, n. 1, pp. 41-73.

SAHLINS, Marshall. 1997b. O Pessimismo Sentimental e a Experiência Etnográfica parte II. **Mana**, **Mana**, v. 3, n. 2, pp. 103-150.

SALAMA, Pierre. 2021. **Contagio viral, contagio económico**: riesgos políticos en América Latina. Libro digital, PDF. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Montevideo: ALAS.

SARTRE, Jean-Paul. 1960. **Situación III –** La república del silencio. Buenos Aires: Editorial Losada.

SARTRE. Jean Paul. 1987. **O existencialismo é um humanismo**. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural.

SANTOS, Boaventura de Sousa. 2020. **La cruel pedagogía del virus**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: CLACSO.

SARTI, Chyntia A. 1994. A família como ordem moral. **Cadernos de Pesquisa**, n. 91, pp. 46-53.

SENNETT, Richard. 1998. **O declínio do homem público:** as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das letras.

SENNETT, Richard. 1999. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record.

SENNETT, Richard. 2001. **Autoridade**. Rio de Janeiro: Record.

SENNETT, Richard. 2004. **Respeito:** a formação do caráter em um mundo desigual. Rio de Janeiro: Record.

SILVA, Rafael; PASTI, Daniel. (2020). Da "gripezinha" ao "e daí?": as falas de Bolsonaro em cada fase da pandemia. https://www.agazeta.com.br/es/politica/da-gripezinha-ao-e-dai-as-falas-de-bolsonaro-em-cada-fase-da-pandemia-0520/. **A Gazeta**, acesso 5/5/2020.

SIMMEL, Georg, 1998b. O conceito e a tragédia da cultura (pp. 79-108). In: SOUZA, Jessé; OËLZE, Berthold. **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora UnB.

SIMMEL, Georg. 1900. **Philosophie des Geldes**. Leipzig: Verlag Von Duncker & Humblot.

SIMMEL, Georg. 1908a. Das Problem der Soziologie (pp. 1-21). In: **Soziologie**: Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung. Berlin: Duncker & Humblot.

SIMMEL, Georg. 1908b. Exkurs ulber das Problem: Wie ist Gesellschaft möglich? (pp. 22-31). In: **Soziologie**: Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung. Berlin: Duncker & Humblot.

SIMMEL, Georg. 1970. O indivíduo e a díade (pp. 128-135). In: CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octavio (orgs.), **Homem e Sociedade**: leituras básicas de sociologia geral. São Paulo: Editora Nacional.

SIMMEL, Georg. 1998a. A moldura. Um ensaio estético (pp. 121-128). In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Bertold (orgs.), **Simmel e a Modernidade**. Brasília: Edunb.

SIMMEL, Georg. 2005. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana**, v. 11, n. 2, pp. 577-591. Doi: http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132005000200010.

SIMMEL, Georg. 2006. A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal), (pp.59-82). In: **Questões fundamentais de sociologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

SIMMEL, Georg. 2013. A tríade (pp. 45-74). In: COELHO, Maria Claudia (org.). **Estudos de interação social**: textos escolhidos. Rio de Janeiro: Eduerj.

SOARES, Vitor Hugo. 2020. Inv(f)erno de Sara e a segunda onda Bolsonaro: Circo de horrores. Blog Noblat. **Veja.** https://veja.abril.com.br/blog/%20noblat/invferno-de-sara-e-a-segunda-onda-bolsonaro-por-vitor-hugo-soares/, acesso 22/8/2020.

SONTAG, Susan. 2003. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras.

TAUSSIG, M. 1980. **The Devil and Commodity Fetishism in South America**. Chapel Hill, NC: University North Carolina Press.

TAYLOR, Steven, et al..2020. Reactions to covid-19: differential predictors of distress avoidance, and disregard for social distancing. **Journal of affective disorders**, v. 277, pp. 94-98. Doi: https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.08.002

VEIGA, Edison. 2020. O Brasil vive a banalização da morte? **DW**. https://www.dw.com/pt-br/o-brasil-vive-a-banaliza%C3%A7%C3%A3o-da-morte/a-54663838?maca=pt-BR , acesso 23/8/2020.

WEBER, Max. **Economía y sociedad.** Esbozo de sociología comprehensiva. 2 vols. México: Fóndo de Cultura Económica, 1944.

WEBER, Max. **História geral da economia.** São Paulo: Mestre Jou, 1968.

WERNECK, Alexandre; ARAUJO, Marcella, Orgs. 2020. Reflexões na Pandemia. **Dilemas**, Revista de Estudos em

conflito e controle social.
https://www.reflexpandemia.org/, acesso 9/12/2020.

ZAMORANO VILLARREAL, Claudia Carolina. 2007. Vivienda y familia en medios urbanos. ¿Un contenedor y su contenido? **Sociológica**, v. 22, n. 65, pp. 159-187.

Sobre o autor

MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY é docente junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. É coordenador do Grem-Grei - Grupos de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções e Interdisciplinar em Imagem, veiculados à base de grupos do CNPq. Publicou, entre outros, *Estilos de vida e individualidade* (2ª. Edição revista e ampliada, Curitiba: Appris, 2020), *Uma comunidade de Afetos* (Curitiba, Appris, 2018), *Sobre perdas, dor morte e morrer na cidade de João Pessoa, PB* (Recife: Bagaço, 2018), *Etnografias urbanas sobre pertença e medos na cidade* (Recife: Bagaço, 2017), *Emoções, sociedade e cultura* (Curitiba: CRV, 2009), *O vínculo ritual* (João Pessoa: Edufpb, 2006), *Amor e Dor* (Recife: Bagaço, 2005) e *Sociologia da emoção* (Petrópolis: Vozes, 2003).

Este livro reflete sobre a relação entre vida urbana, formas de sociabilidade e as emoções. Centra-se no momento vivido atualmente no Brasil, com a pandemia do covid-19 que já se alastra há quase dois anos e, pelo que os especialistas em epidemiologia e cientistas sociais denotam, continuará a se alastrar pelo mundo e, de maneira mais intensa e dolorosa, nos países periféricos, como o Brasil. O livro analisa a quebra de negociação e fragmentação da cultura emotiva no Brasil junto à crise pandêmica do coronavirus no país. Discute os sentimentos de desagregação pessoal (e familiar) e de impotência do brasileiro comum durante o isolamento social, surgido no interior de um contexto de arraigado sentimento de solidão. Sentimentos motivadores de expressões de fragilidade pessoal e familiar em relação à incerteza frente ao presente vivido e ao futuro.

ISBN: 978-65-00-19143-1